

A ARTE DIVERSA DE SER

Raquel Valente

ORIENTADOR

Sérgio de Sá

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

Danilo Lins

- 4** Agradecimentos
- 6** Por que falar da relação entre arte e pessoas com deficiência?
- 8** Arte e os sentidos
- 13** Naiara, a radiante...
- 27** Nuances, formas e cores da percepção
- 39** Joaquim, o sensitivo...
- 55** Mariana, a desbravadora...
- 69** Cenário brasiliense
 - 71** Mais políticas
 - 74** Setor privado
 - 76** Iniciativas acessíveis
 - 77** Projeto da SECEC-DF
- 83** Lúcio, o sonhador...
- 95** Espaços culturais
- 105** Wladimir, o improvisador...
- 115** Vanuza, a criadora...
- 127** Experiências diversas

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Sérgio de Sá por aceitar minha proposta e me acompanhar ao longo deste semestre com sugestões pertinentes, referências interessantes e conselhos valiosos.

À minha família, que não mediu esforços para me possibilitar chegar até este momento, bem como me acompanhou com zelo, amor e atenção durante toda a minha trajetória acadêmica. Em destaque para a minha mãe, Marcela Valente, que ouviu pacientemente os meus textos, me deu colo e suporte emocional quando precisava.

Exalto também o papel do meu pai, Bevenildo Fernandes, que ajudou com as transcrições e forneceu apoio financeiro para a produção do material; e da minha irmã gêmea, Sarah Ribeiro,

que colaborou com os insights e inspirações para o trabalho.

Às minhas amigas Jéssica Cardoso, Anny West e Silvana Sousa pelos quatro anos de trocas de experiências e momentos compartilhados. Aos professores Rafiza Varão e Fábio Pereira por marcarem minha graduação e me servirem de exemplo para que eu me tornasse uma profissional, ética, capacitada e humana.

A Danilo Lins, designer gráfico, que ilustrou e diagramou este projeto com senso estético e criatividade.

A Naiara, Joaquim, Mariana, Lúcio, Vavá e Vanusa, por compartilharem suas histórias de vida e percepções pessoais que fizeram deste material tão rico e singular.

POR QUE FALAR DA RELAÇÃO ENTRE ARTE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA?

É bem provável que todos nós, em algum momento da vida, já tenhamos nos sentido como “peixes fora d’água”, isto é, deslocados, navegando sem rumo em meio ao conjunto de estereótipos, padrões e modos de viver que regem a vida social. Se para aqueles que possuem todas as capacidades perceptivas se sentir diferente já é desafiador, imagine para as pessoas com deficiência (PCDs), que travam uma batalha diária contra preconceitos?

Infelizmente, a falta de preparação da sociedade para aceitar, acolher e conviver com a diversidade ainda está presente nos mais diversos setores. Na área cultural não é diferente. Por ser uma amante da arte e me deleitar com as sensações e reflexões provocadas ao ter contato com um filme, uma música, uma pintura ou uma peça de teatro, certo dia, me questionei: “Como será que as pessoas com deficiência experienciam a arte?”.

Imaginar que elas poderiam ser privadas de experimentar todas as criações que tanto enriquecem a minha existência me tocou. A partir daquele momento, eu quis compreender como elas se relacionavam com as expressões artísticas e quais eram as dificuldades que enfrentavam. Este livro nasceu dessa tentativa de mergulhar

na realidade do acesso à cultura das pessoas com deficiência.

Para lançar luz sobre o tema, a obra traça um panorama geral sobre a acessibilidade dos espaços culturais de Brasília, abrangendo tanto os mecanismos legais quanto às iniciativas aplicadas na prática. Para tal, ouvi produtores e gestores culturais da cidade, como também estudiosos do tema. Ademais, realizei um levantamento das condições e recursos de acessibilidade de 20 espaços públicos e privados do quadrado.

O livro também reflete, por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas com pesquisadores, sobre os conceitos de experiência estética e as particularidades da percepção de pessoas com deficiência.

E o mais importante, a obra conta seis histórias de pessoas com diferentes tipos de deficiência: física, visual, auditiva, múltipla e intelectual, sob o recorte das experiências delas com a arte. A breve biografia pessoal de cada uma veio acompanhada de um relato da visita que realizaram a um espaço cultural.

O objetivo do livro é dar visibilidade às trajetórias pessoais delas e conhecê-las para além da deficiência, ou seja, ampliar o olhar para o conjunto de talentos, vivências e sonhos que colecionam. A expectativa é que os leitores se sintam sensibilizados acerca da importância da acessibilidade cultural e da inclusão dos mais diversos públicos em espaços difusores de arte.

ARTE E OS SENTIDOS

A arte sempre fez parte da história da humanidade. Seja na Idade Média ou na Era Moderna, ela ocupa um lugar de destaque na vida humana, sendo a principal ferramenta por meio da qual são comunicadas ideias, emoções e impressões sobre o mundo ao redor. Mais do que entreter, a arte contribui para a construção da identidade. Ela transmite ensinamentos, proporciona experiências e instiga reflexões.

Quando a melodia de uma música penetra a audição, logo emoções e lembranças são evocadas. Por meio da contemplação de um quadro, é possível se transportar para a paisagem ou época pintada pelo artista. Na cena do filme, a visão de imagens vivas, embaladas por trilhas sonoras, promove tamanha imersão que faz com que a vida real se misture com a complexa trama do personagem. Ao tocar uma escultura e sentir os traços, curvas e texturas, é possível enxergar o desenho, como se no lugar das mãos houvesse olhos.

Os sentidos são as portas de entrada da arte, uma experiência particular que estimula tato, olfato, paladar, visão e audição. Mas e aqueles indivíduos que possuem algum ou mais de um sentido comprometido? Como eles percebem as obras de arte? Ao contrário dos que podem assimilá-la fazendo uso de todos

os aparatos sensoriais, as pessoas com deficiência precisam encontrar uma forma própria de apreender os produtos artísticos.

Segundo a teoria de Harry Pross, a comunicação pela mídia primária é aquela produzida e percebida pelo corpo dos indivíduos na relação com o outro e com exterior por meio dos vários sentidos. O problema é que, como bem lembra a pesquisadora e professora Viviane Sarraf no livro *Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial*, há uma primazia da percepção visual na sociedade ocidental que deixa os demais sentidos adormecidos.

Nos espaços culturais não é diferente. A linguagem predominante é a visual, o que faz com que pessoas com deficiência fiquem excluídas e sejam privadas de uma experiência plena em exposições, espetáculos, cinemas e shows, por exemplo. Para a inclusão de todos os públicos nos ambientes difusores de cultura, é necessário que diferentes recursos comunicativos sejam utilizados.

Nas palavras de Sarraf¹, a acessibilidade cultural necessita de “uma comunicação humana e livre de barreiras, que se propõe a ser acessível a todos os indivíduos, independentemente de suas características físicas, sensoriais, cognitivas, psíquicas, psicológicas e sociais”.

1 SARRAF, Viviane. **Acessibilidade em espaços culturais: Mediação e Comunicação Sensorial**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2014.

Naiara Fontenelle é fluente em música e amante de teatro. Ela pode não ver, mas brilha quando está no palco, tanto tocando instrumentos, quanto interpretando personagens em espetáculos musicais. O alcance de seu “olho interior” enxerga belezas ocultas à maioria das pessoas. Joaquim Leite tem hipersensibilidade a sons, cheiros, gostos, luz e toque. Surdo e autista, ele se encontra no meio de dois mundos, e dia após dia luta bravamente para encontrar um lugar de pertencimento, com acesso pleno a todas as formas de arte das quais é entusiasta. Mariana Guedes não deixou a deficiência física ser um obstáculo para “voar” e desbravar novos horizontes. Ao invés das pernas e dos pés, ela usa as mãos e a cabeça para dançar. E nos tempos livres se diverte em festivais de música e eventos culturais. Lúcio Piantino é uma pessoa com síndrome de Down que abraça uma infinidade de sonhos com entusiasmo. As pinturas, os grafites, as coreografias de hip hop e os filmes que produz refletem a sua personalidade criativa. Wladimir Afiouni desenvolveu um jeito autêntico de tocar baixo e de se conectar com as pessoas. Ao juntar as peças do quebra-cabeça que é viver com uma deficiência auditiva, ele descobriu uma forma de se relacionar com tudo que o rodeia. Vanuza Alencar tem alma de artista. É através da

expressão corporal e dos traços abstratos desenhados sobre a tela que ela entra em contato com o interior dela. A cegueira em um dos olhos não a impediu de admirar as paisagens naturais e artísticas que colorem sua vida. Embora tenham trajetórias diferentes, os seis personagens se unem por um ponto em comum: são pessoas com deficiência que não só gostam, bem como se relacionam com a arte. Cada um carrega uma experiência particular com as várias formas artísticas, sejam elas a música, a pintura, o teatro ou o cinema. Cada um tem um universo próprio para ser desvendado. Mas todos traçaram jornadas inspiradoras que mostram a verdadeira arte que é viver a despeito das pedras que surgem todos os dias no caminho de quem é diverso.



Naiara, a radiante...

“Sendo eu um aprendiz
A vida já me ensinou que besta
É quem vive triste
Lembrando o que faltou
Magoando a cicatriz
E esquece de ser feliz
Por tudo que conquistou”

Bráulio Bessa

De olhos abertos é possível contemplar as paisagens, os objetos, as fisionomias e formas ao redor. As imagens se sobressaem, saltando à vista. De pálpebras cerradas, por outro lado, um novo mundo, recheado de mistérios a serem descobertos se apresenta. O protagonismo deixa de ser da visão para dar lugar a outros sentidos, como a audição e o tato. Nas palavras do filósofo e escritor francês Denis Diderot: “De todos os sentidos, a vista é o mais superficial. O ouvido, o mais orgulhoso. O olfato, o mais voluptuoso. O gosto, o mais inconstante. E o tato, o mais profundo”.

É sem a capacidade de enxergar e com asas na imaginação que Naiara Fontenelle, 30 anos, experimenta a vida. Ela perdeu a visão na infância, aos 8 anos de idade, em razão de um problema genético de má formação. Mas engana-se quem pensa que a ausência do sentido é um empecilho para ela encontrar prazer na existência.

Naiara é como o sol: irradia luz, vivacidade e alegria por onde passa. Os olhos verdes gigantes, lentes de contato que ela usa sobre os olhos leitosos e esbranquiçados, caem bem a ela, que está sempre de alma aberta para a esperança entrar. “Eu sou Naiara sorridente, feliz, um pouco tímida”, se autodefine.

O contato de Naiara com os objetos e seres vivos se dá por meio do toque. É assim que ela consegue “ver” e criar uma imagem em sua mente. A representação de cada objeto é feita por

meio das cores. O fogo, por exemplo, se associa ao vermelho e ao amarelo forte. “A imaginação deles é bem diferente da nossa. Ela faz associações mentais de como é a imagem, por meio de cores”, explica a mãe e professora aposentada, Dulce Fontenelle, 54 anos.

Os sons, por sua vez, a auxiliam a se orientar no espaço. É dessa forma que ela aprendeu a praticar atividades corporais, como Taekwondo e natação, por exemplo, de forma adaptada. A respiração e a entonação vocal também funcionam como referências. O aguçamento da audição possibilita que Naiara des-cortine até mesmo os estados emocionais alheios. “Eu consigo perceber quando as pessoas estão estressadas ou calmas só pelo jeito delas falarem.”

Os outros sentidos também tiveram que ser mais explorados pelo escultor e ceramista Rogério Ratão, 50 anos. Ele desenvolveu mais o sentido tátil quando perdeu totalmente a visão, aos 18 anos. “Eu acabei desenvolvendo o sentido tátil não só das minhas mãos, mas do meu corpo todo. O meu corpo é uma referência para a compreensão do espaço”, conta ele, que descobriu uma habilidade para fazer esculturas.

A arte, no entanto, sempre foi uma paixão pessoal. Antes mesmo de não poder mais enxergar, ele tinha o hábito de consumir cultura. Sendo assim, o repertório de imagens dele

é mais amplo do que o de alguém como Naiara, que só podia ver na infância. “Quando eu ouço a descrição de um quadro, de uma cena, de qualquer representação artística, é como se eu estivesse lendo um livro. Claro que a percepção não é exatamente aquilo que realmente é, mas eu imagino que minha construção da imagem seja mais próxima do real do que de alguém que nunca viu”, explica ele.

Também é possível encontrar semelhanças no modo como Naiara interpreta o mundo com o do garoto Mohammedi, protagonista do filme iraniano *A cor do paraíso* (1999). Como consequência da alta sensibilidade tátil e auditiva, ele desenvolve uma espécie “de olho interior” que o permite ter contato com a natureza e com as pessoas à sua volta. Em uma cena, ele está na praia e se concentra no som dos pássaros, conseguindo identificar de onde eles vêm.

Apesar de ter se adaptado a não enxergar, estar constantemente diante do desconhecido não é tarefa fácil. Dulce conta que a filha fica tensa e ansiosa quando visita algum lugar novo ou conhece alguém pela primeira vez. Por dentro ela pode estar temerosa sobre o que está por vir, mas por fora Naiara transborda otimismo. “Ela é uma boba, só fica rindo e brincando o tempo todo”, afirma a mãe.

Modelo, atleta, música e atriz. Essas são as ocupações que a

entretêm no dia a dia e dão a ela um propósito. A música foi a primeira paixão. Quando era criança, Naiara “pegou gosto” pela forma artística nas aulas da escola especial onde estudava. Em pouco tempo, ela percebeu que tinha talento para captar as melodias que chegavam a sua audição, fenômeno chamado de ouvido absoluto.

A audição de Naiara é tão boa que ela canta e toca vários instrumentos, como piano, violão, bateria e flauta. Ela aprendeu todos eles sem entender sobre notação musical. “A partitura está na cabeça”, diz. Com frequência, ela faz shows no Clube do Choro e é convidada para tocar em eventos comemorativos da cidade. Os diferentes estilos musicais –como MPB, rock e pop internacional –são os preferidos dela, que se diz versátil. “A música ajuda muito na disciplina, diversão, equilíbrio e convívio social”, explica.

Além das apresentações musicais, Naiara participa de espetáculos de teatro. O “frio na barriga” antes de entrar em cena é uma sensação familiar desde que ela era criança. “Eu fiz teatro terapia pela primeira vez e me apaixonei. Eu era muito tímida. O teatro me ajudou a me soltar mais.”

Quando o espetáculo conta com audiodescrição, ela consegue compreender bem. No entanto, não costuma assistir a filmes, pois se perde na narrativa diante da ausência de imagens.

Rogério Ratão também sente que o cinema é a forma de arte menos inclusiva para cegos. “Eu me perco demais nas cenas, pois 60% do filme não têm ninguém falando. É importante que as tecnologias de audiodescrição sejam aprimoradas para que a gente consiga ter mais acesso.”

Nas horas vagas, quando não está “inventando moda” nos palcos e nas teclas do piano, ou curtindo a companhia da família, Naiara adora sair com os amigos e tomar uma cervejinha. A modelo é leve, descomplicada, não esquentava com nada. Não é à toa que a sua fala preferida é: “Tranquila”. “Eu acho que quem não consegue conviver com a Naiara não convive com ninguém. Ela é uma menina super simples e compreensiva”, conta Dulce.

Um aspecto curioso sobre a jovem é que ela não tem vergonha, fala o que dá na telha, sem se importar com o julgamento alheio. Em razão dessa característica, Dulce conta que já passou por diversas situações de saia justa, como quando Naiara foi convidada ao palco, mesmo tendo recusado o convite, pegou o microfone e anunciou em alto e bom tom: “Eu não avisei que não iria cantar?”.

A falta de filtro social pode até envergonhar a mãe em alguns momentos, mas é um escudo “poderoso” para resguardar Naiara das críticas e preconceitos intrínsecos à sociedade. O próprio significado de beleza para ela é diferente da maioria das pessoas,

cujo juízo estético tende a ser mais associado à aparência. A modelo considera belo aquilo que vem de dentro. “Quando olhamos já fazemos o julgamento de que algo ou alguém é bonito ou feio. Para a Naiara, o que é bonito é o jeito como é tratada, a educação, o carinho e a gentileza”, explica Dulce.

Naiara ensina a todos aqueles que cruzam seu caminho que a felicidade não se encontra naquilo que está na superfície, através de um olhar, mas nas pequenas coisas que estão além do que a vista pode alcançar. Quem compartilha desse pensamento é a escritora Cecília Meireles: “Quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las”.

Além das habilidades emocionais que a ajudam a navegar pelas turbulências cotidianas com mais leveza, Naiara possui uma memória extraordinária. Ela sabe de cor e salteado datas de acontecimentos marcantes da história e da vida pessoal. Quando alguém pergunta, por exemplo, quando Dilma sofreu impeachment, ela responde de imediato, sem parar para pensar: “No dia 31 de agosto de 2006, uma quarta-feira”.

Essa habilidade de Naiara é popularmente conhecida como “Google Humano”, uma síndrome rara chamada Memória

Autobiográfica Altamente Superior (HSAM, na sigla em inglês), na qual a pessoa não esquece de quase nada do que aconteceu ao longo da vida. A condição dela remete ao conto “Funes, o Memorioso” de Jorge Luis Borges. O argentino Funes era “cego”, “surdo” e “desmemoriado” até o momento em que sofreu um acidente e passou a ter uma percepção exata do tempo e, também, a possuir uma memória infalível.

“Os professores de matemática nunca conseguiram entender o raciocínio dela. É uma grande vantagem ela ter uma memória tão boa e saber sobre tudo. Eu nem uso calendário, meu calendário é ela. Mas o lado negativo é que, se uma pessoa faz algo ruim, ela não esquece”, diz Dulce.

O filho de Naiara, Henrique, de oito anos, até brinca que ela é a “mamãe Alexa”, pois para toda pergunta, ele recebe uma resposta na hora, como uma voz programada. Henrique, aliás, não mede esforços para demonstrar o orgulho e carinho que sente pela mãe. Para onde Naiara vai, ela leva o filho a tiracolo, que a acompanha em shows, desfiles e eventos. “Ele sempre faz questão de pegar a minha mão e falar: ‘Essa é minha mãe’”, diz.

Naiara garante que a maternidade foi um processo natural, como para qualquer outra pessoa que enxerga. Aos poucos, ela aprendeu a dar banho, mamadeira e colocar as roupas nele. O pequeno foi ensinado a ser compreensivo com a realidade da

mãe. Quando ele vê alguém tentando enganá-la, é o primeiro a tomar partido dela. “Ele é super parceiro e protege a Naiara, o que eu acho super importante, porque sei que quando eu morrer tenho um sucessor”, brinca Dulce.

A professora aposentada dedica grande parte do tempo para acompanhar as atividades da artista. Mas ela garante: “Não é nenhum peso, estar com ela é diversão!”. A aposentada considera a filha uma inspiração, pois Naiara busca viver intensamente cada momento, sem se preocupar com o amanhã. “Eu vivo agora. Não penso muito no depois. O futuro a Deus pertence”, diz Naiara com ar de sabedoria.

* * *

Menos de um mês após a inauguração do SESI Lab, no dia 30 de novembro de 2022, espaço localizado no coração da capital do país, que conecta arte, ciência e tecnologia, agendei uma visita com Naiara e a mãe. A promessa de uma exposição interativa e multissensorial com recursos de mediação comunicacional, como maquetes, mapas táteis, audioguia e etiquetas em braille, além de um edifício com acessibilidade física, despertou minha curiosidade.

No primeiro momento, ficamos bem perdidas no espaço, pois

não havia ninguém na entrada para nos orientar. Além disso, percebemos que o chão contava com poucas faixas de piso tátil. Elas apenas indicavam a necessidade de a pessoa com deficiência visual parar para evitar trombar com objetos e inclinações que havia no meio do caminho.

A escada em formato de espiral, por sua vez, contava com corrimão de ferro na lateral, o que possibilitou que Naiara descesse, sem precisar se segurar em alguém. Cabia apenas aos passantes se afastarem quando a viam passar. Depois de perambular rapidamente pelo amplo salão de dois andares à procura de aparatos que fossem acessíveis, decidi pedir ajuda de um funcionário.

Ele então chamou um educador para mediar a exposição. “Eu vou fazer uma mediação com vocês pelo espaço apresentando alguns aparatos que mexem com outros sentidos que não a visão”, anunciou Caio Sato. Mais tarde, descobrimos que Naiara foi a primeira pessoa cega a visitar o espaço e solicitar apoio do educador, que fez treinamento em audiodescrição.

A exposição é dividida em três partes: Galeria Fenômenos no Mundo, Galeria Aprender Fazendo e Galeria Imaginando Futuros. Assim que chegamos à primeira, somos tomadas de surpresa com o barulho intenso, que remete a células, fenômenos físicos e químicos. Ao chegar no aparato, chamado Bate e

Queima, o mediador coloca a mão de Naiara entre os dois fios com bolas de metal na ponta, que ao baterem fazem um buraco e queimam a folha, prensada no meio. “Ele transforma a energia cinética em movimento, em energia térmica e sonora”, explica ele.

Em seguida, seguimos para a Manivela, um aparato com duas rodas, que precisam ser giradas para gerar energia e acender duas lâmpadas. Ao tocar nelas, Naiara percebe que a de LED não gera calor, enquanto a incandescente gera tanto luz, quanto calor. O educador também posiciona a mão de Naiara sobre um secador. “Estou sentindo um vento gostoso”, afirma ela ao tentar adivinhar qual objeto está tocando.

Após um som de relógio “tictactictac” prender a atenção de Naiara e ela estourar com as mãos uma bola de sabão gigante, paramos em frente ao aparato chamado Tornado. “Os tornados se formam quando tem várias massas de ar convergindo juntas”, explica Caio. Como Naiara não pode ver o redemoinho de vento, ela sobe o degrau e fica em cima dele para sentir o ar entrando pelo corpo.

Olhares curiosos de crianças se direcionam a Naiara, provavelmente cheios de vontade de fazer o mesmo que ela. Depois, seguimos para a segunda parte da exposição. É a vez do aparato desafio do silêncio, que conta com uma passarela de brita e

um grande medidor de barulho pendurado na parede. Naiara tira os sapatos e percorre o caminho de pedrinhas. Ela faz uma pontuação mediana e a mãe Dulce brinca: “Ela é barulhenta!”.

O próximo aparato é a Câmara de Calor. Naiara é convidada a se sentar em uma cadeira e a sentir cada parte dela, formada por diferentes materiais: vidro, cobre e madeira. Por meio do toque ela percebe diferentes temperaturas. Outro aparato que mexe com as sensações térmicas é a Bobina Quente-frio. Cada arco feito de cobre que compõe a bobina é de uma temperatura, o que causa uma confusão nos sentidos.

A última experiência é o aparato, chamado Giros Musicais, formado por um grande círculo, na forma de um relógio, com um pino no centro e corta copas nas laterais. A ideia dele é brincar com os diferentes ritmos musicais. Cada vez que uma peça é adicionada, o som muda.

O educador se impressiona com a facilidade de Naiara de identificar cada um dos ritmos musicais. Segundo ela, quando são inseridos dois corta-copos, o som remete a um “reggae”; três, uma valsa; quatro, rock; cinco, samba; e seis, polca. “Esse aparato é legal porque conseguimos ver a relação entre a música e a geometria”, aponta Caio.

Como as duas tinham que se arrumar para uma viagem que fariam no dia seguinte, decidimos encerrar a visita à exposição.

Mas se pudéssemos, passaríamos o dia inteiro explorando os aparatos e observando como Naiara interage com cada um deles fazendo uso apenas do tato e da audição. Quando pergunto se ela gostou da experiência, ela diz com um sorriso de orelha a orelha, típico dela: “Eu adorei, foi muito divertido!”.



Nuances, formas e cores da percepção

“A arte resolve não só o pseudoproblema do nosso conhecimento das outras mentes, mas também, de maneira ainda mais fundamental, o pseudoproblema da existência de um mundo externo. Diz-nos algo do mundo, ‘apresenta o mundo em uma experiência nova’ [...]. Faz a experiência voltar-se para si mesma, a fim de aprofundar e intensificar a qualidade vivenciada não para nos afastar da realidade, mas para nos ajudar a aceitar a vida ‘em toda a sua incerteza, mistério, dúvida e semi conhecimento’ [...].”

Abraham Kaplan, no livro

Arte como Experiência

A melodia imponente de uma orquestra sinfônica é assimilada por meio das ondas sonoras e vibrações que atingem os ouvidos. Os traços, as cores, as formas e as pinceladas de uma pintura podem ser apreciadas quando os olhos encontram o quadro. Os movimentos e passos ritmados de uma dança mobilizam a audição e a visão. A história de um livro é captada graças

à combinação da leitura visual ou tátil. A narrativa de uma peça de teatro ou a trama de um filme estimula os sentidos visual e sonoro.

A arte, portanto, é algo a ser percebido por meio dos sentidos, como define John Dewey : “Em toda experiência, tocamos o mundo através de um tentáculo específico; realizamos nossa interação com ele e ele chega até nós por um órgão especializado. O organismo inteiro, com toda a sua carga do passado e de recursos variados, funciona, mas opera por um meio particular ao interagir com o olhar, a audição e o tato”.

A professora especializada em filosofia da arte, da Universidade de Brasília (UnB), Patrícia Rossinetti, destaca que, ao longo da história, a sociedade hierarquizou os sentidos. Segundo Aristóteles, a visão e a audição são consideradas sentidos superiores, enquanto o tato, o olfato e o paladar são inferiores, por serem mais instintivos. Sendo assim, a arte era criada para tocar, sobretudo, a visão e a audição. Essa perspectiva, no entanto, coloca em xeque o pensamento inclusivo de que todos os sentidos podem ter igual importância e devem ser levados em consideração na produção artística.

Apesar de os sentidos serem os receptáculos da arte, é no intelecto de cada indivíduo que ela ganha significado. A interação entre o sujeito e o objeto artístico resulta em experiências

diversas, uma vez que depende da percepção estética de cada um. Nas palavras de John Dewey: “A experiência é limitada por todas as causas que interagem na percepção das relações entre o estar sujeito e o fazer”. A palavra “estético” se refere à experiência como apreciação, percepção e deleite, denotando o ponto de vista do espectador (DEWEY, 2010)².

Mas para que a experiência seja de fato estética é necessário que ela seja compreendida subjetivamente. “Ela requer uma atividade inventiva por parte de nossa imaginação. As artes não seriam, assim, meramente objetos 'abstratos', independentes de nossa subjetividade, senão que construtos umbilicalmente ligados à nossa sensibilidade, a qual consolida, grosso modo, as próprias qualidades estéticas das obras que se nos apresentam”, explica Fernando Barros, professor de filosofia especializado na área de estética da Universidade de Brasília (UnB).

Sendo assim, a obra de arte será interpretada a partir da recepção de quem a vê. De acordo com o estudioso Roberto Figurelli³, o espectador abandona a atitude passiva de contemplação perante a arte e participa ativamente da experiência da criação da obra,

2 DEWEY, John. **Arte como experiência**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

3 FIGURELLI, Roberto. **Hans Robert Jaus e a estética da recepção**. Revista Letras, Curitiba (37), p. 265-285, 1988. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243>. Acesso em: 26 de nov. de 2020.

adicionando sua interpretação pessoal. Fernando Barros concorda que a recepção do objeto artístico varia de acordo com o modo como cada um é afetado por ele. “Não podemos sentir pelos outros, cada um sente à sua maneira”, sinaliza o professor. Ele destaca que a filosofia tradicional pressupõe condições ideais de percepção, isto é, um sistema perceptivo padronizado, que não leva em consideração as sensorialidades plurais.

Se quem é dotado de todas as capacidades sensoriais compreende a arte de forma particular, pessoas com deficiências, sejam elas sensoriais, físicas ou intelectuais, terão experiências estéticas ainda mais diversas. Para Patrícia Rossinetti, a percepção estética está ligada tanto aos sentidos, quanto à cognição.

Dessa forma, primeiro os objetos são apreendidos por meio dos dispositivos sensoriais do corpo, para depois serem transformados em representação pela mente. “Esse sentido inicial de percepção vai ser transformado em uma ideia que será julgada pela cognição estética como belo, sublime ou interessante. As percepções que nos vêm pelo corpo são decodificadas, esquematizadas ou imaginadas, e é a partir dessa imagem que julgamos, não a partir do elemento cru”, descreve a professora.

A percepção da arte pelas pessoas com deficiência, contudo, não será a mesma de uma pessoa que enxerga. “O mundo à

disposição é criado a partir da percepção do mundo de cada um. Os cegos, por exemplo, precisam construir um outro espaço de percepção. Esses espaços estéticos criam um outro mundo que vai ter desenhos diferentes de quem enxerga. É uma outra forma de perceber, mas não impede que ele perceba”, exemplifica Rossinetti.

A professora de psicologia cognitiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Virgínia Kastrup, e também estudiosa de estética da arte critica a perspectiva “visocêntrica” da experiência estética, isto é, a crença de que simplesmente descrever formas, cores e características visuais seja suficiente para que uma pessoa cega, por exemplo, compreenda o objeto artístico.

“É um tipo de explicação que se coloca como uma maneira de estar no mundo superior, mais verdadeira. Como se, quem vê, enxerga o mundo como ele realmente é. Mas o mundo tal como é, é uma coisa que do ponto de vista cognitivo é uma ficção, porque cada pessoa percebe o mundo de uma determinada maneira. Essa tentativa de mostrar para o cego o mundo tal como o vidente vê é uma prática de opressão, de diminuição, de produção de desigualdade”, argumenta Virgínia.

Segundo ela, esse mecanismo apenas proporciona que a pessoa com deficiência tenha informações sobre as obras, mas não

permite o acesso efetivo a ela. Contudo, ela acrescenta que a arte contemporânea tem trazido mudanças, ao explorar diferentes recursos nas esculturas, instalações e exposições interativas, tornando a experiência mais sensorial.

De acordo com Viviane Sarraf, doutora em Comunicação e Semiótica, a percepção da arte também envolve contextos, significados e fatores culturais. Rossinetti acrescenta que a percepção é uma mistura de aspectos universais e subjetivos. “Apesar das diferenças de cada um, há um ponto de contato, uma percepção que compartilhamos.”

Um pensamento comumente difundido é o de que quando há perda de alguma sensibilidade, há uma potencialização da capacidade dos outros canais sensoriais, como uma espécie de “compensação”. Em uma palestra, chamada “Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semi-aristotélica”, o filósofo João Vicente Ganzarolli⁴ aponta que o tato tende a ser mais desenvolvido quando há deficiência nos sentidos da visão e da audição.

“Assim como a experiência da música é possível mediante a

4 OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semi-aristotélica**. Revista Benjamin Constant, Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 10, p. 1-5, 1998. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/627>. Acesso em: 4 de dez. 2022.

utilização do tato para a percepção das vibrações sonoras e do ritmo, o mesmo sentido, na medida em que permite a percepção de volumes e formas, pode permitir a vivência da beleza escultórica”, ilustra ele.

A estudiosa Patrícia Rossinetti destaca que o sentido tátil dos seres humanos é pouco desenvolvido. Por isso, ela acredita que, quando há o comprometimento em outros sentidos, novas capacidades podem ser desenvolvidas. “Os cegos, por exemplo, podem desenvolver capacidades que vão dar noção de profundidade, localização e ajudar a criar ambiências”, diz.

Essa “teoria da compensação” tem versões religiosas, neurofisiológicas e sociais, como aponta Virgínia Kastrup. Quanto maior é a perda de um sentido, mais a pessoa tende a se valer dos demais. No entanto, não dá para dizer que isso é aplicável a toda e qualquer pessoa com deficiência.

Como elas não se limitam apenas a um sentido, elas podem ter uma relação mais intensa com o objeto artístico do que alguém que se atém apenas à visão, por exemplo. “A pessoa com deficiência visual consegue ter uma entrega à experiência estética imensa. Muitas vezes, a pessoa vidente entra no museu com o celular e só olha para a foto, sem se demorar nela. Logo, ela não consegue ter essa experiência estética”, observa Kastrup.

A estudiosa reflete que a maior diferença na percepção de

uma pessoa cega e uma que enxerga é o tempo de assimilação da experiência: “A pessoa cega tem uma temporalidade mais lenta, porque a experiência tátil, esse tátil ativo e exploratório, é mais lento. Já a visão é muito rápida e abre menos para a experiência de problematização e estranhamento. E a arte se define pela capacidade de nos tirar da banalidade do óbvio, do que já sabemos”.

A pesquisadora Viviane Sarraf, por outro lado, afirma que esse hiperdesenvolvimento dos outros sentidos é um mito, pois não há comprovação científica. Ela reconhece que as pessoas com deficiência passam a usar os sentidos de forma mais atenta pela necessidade de viver e desempenhar as atividades com independência. No entanto, ressalta que isso não é uma regra. “A norma é a diversidade. O desenvolvimento de outras potencialidades está mais vinculado ao contexto e às oportunidades fornecidas para ela ao longo da vida”, afirma.

Para ela, as pessoas com deficiência são diversas, logo, não dá para fazer generalizações sobre a forma de percepção delas. “As experiências vão ter a ver com a história de vida delas, com as oportunidades que foram dadas, em como ela conseguiu sair de um universo com superproteção da família, enfrentando muito preconceito da sociedade, e experimentar o mundo por conta própria”, argumenta Sarraf.

Dessa forma, para que as pessoas com deficiência consigam usufruir dos objetos artísticos de forma plena, elas precisam de recursos acessíveis que contemplem suas particularidades. “Não é a deficiência que limita o contato com a arte. É a falta de acessibilidade ao conteúdo e à experiência da produção cultural que impede que as pessoas com deficiência possam usufruir dela”, ressalta Sarraf.

Segundo o pensamento do filósofo francês Mikel Dufrenne⁵, o processo de percepção estética passa por alguns estágios. O primeiro é a sensibilidade, que parte do contato presencial entre o corpo do sujeito com o objeto artístico. Em seguida, é a representação, ou seja, a reflexão que vem do conjunto de experiências e conhecimentos prévios. Por último, é o estágio do sentimento, que é quando a obra ganha um sentido para o espectador.

No caso das pessoas com deficiência sensorial, o primeiro estágio é afetado. Já as com deficiência intelectual podem apresentar dificuldades no segundo estágio. As com deficiência física, por sua vez, conseguem passar por todos os três estágios,

5 CORREIA, Fábio Caires. **Obra de arte e objeto estético em Mikel Dufrenne**. Revista Arte e Filosofia, Programa de Pós Graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP, Ouro Preto, v. 12, nº 22, p. 142 - 153, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/848>. Acesso em: 4 de dez. 2022.

contanto que barreiras arquitetônicas e espaciais não impeçam o acesso delas ao objeto artístico.

É aí que entra a importância da acessibilidade cultural nos espaços difusores de arte/cultura. Esses ambientes precisam oferecer aparatos de mediação que possibilitem e facilitem a experiência estética das pessoas com deficiência. Como destaca Abraham Kaplan⁶ : “Os atributos da obra de arte dependem não apenas das pessoas que a vivenciam (assim como do produto artístico), mas também da circunstância da experiência”.

Virgínia Kastrup acredita que a deficiência não deve ser encarada pela perspectiva da falta, mas sim, sob a ótica da singularidade. “A discussão toda não é apenas técnica, mas também estética e política. Afinal, se está lidando com seres diversos. A mediação artística deve escutar como é a experiência de uma pessoa com deficiência. É necessário entender o que elas precisam e estar disposto a aprender com elas”, conclui.

6 DEWEY, John. **Arte como Experiência**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



Joaquim, o sensitivo...

“Agora não farei nada além de ouvir,

*Para acumular o que ouço nesta música, para permitir que os sons
contribuam para ela.*

*Eu ouço bravuras de pássaros, alvoroço de trigo crescendo, fofocas de
chamas, estalidos de gravetos cozinhando minhas refeições,*

Eu ouço o som que amo, o som da voz humana,

Eu ouço todos os sons correndo juntos, combinados, fundidos ou seguindo,

Sons da cidade e sons fora da cidade, sons do dia e da noite...”

Walt Whitman,

"Canção de mim mesmo"

Violinos, pianos, contrabaixos, flautas, trompetes... Todos esses instrumentos podem ser vistos por Joaquim Leite quando ele percorre a grande sala do Teatro Nacional com sentidos curiosos e em estado de alerta, de quem está prestes a ter uma experiência inédita. As crianças se posicionam no palco junto aos instrumentos, até que o maestro abre os braços, e a orquestra começa.

Em um rompante, as primeiras notas do Hino Nacional ressoam, em alto e bom som, preenchendo os seus ouvidos por completo. Anestesiado e arrebatado por poder ouvir a melodia símbolo do território verde e amarelo, lágrimas brotam de seus olhos, sem que ele possa conter. É assim que o surdo oralizado Joaquim, 42 anos, se sentiu quando escutou uma música pela primeira vez após instalar o implante coclear.

“Eu não conseguia parar de chorar, fiquei muito emocionado. Nunca imaginei que pudesse ouvir uma música nessa intensidade. Essa experiência sonora foi muito especial.” O analista de sistemas e produtor de acessibilidade conta que nas primeiras semanas passava horas a fio desvendando os sons da natureza.

Um dos maiores prazeres dele era acordar de madrugada,

sentar no jardim, se refrescar com o sereno da manhã, fechar os olhos e apreciar o canto dos pássaros. “Tem sons para mim que parecem música, como o barulho do vento passando pelas frestas ou sinos pendurados nas varandas e o som das folhas secas sendo pisadas”, descreve.

Dotado de hipersensibilidade ao toque, à luz, aos sons, gostos e cheiros, Joaquim absorve a arte e os estímulos ao redor de forma intensa. Além de surdo profundo e TDAH, ele é autista com altas habilidades. Mas só foi descobrir essa faceta de sua identidade mais tarde. Quando teve o diagnóstico de surdez, aos quatro anos, o autismo acabou sendo mascarado.

Naquela época, plena década de 1980, quando movimentos em prol da inclusão da comunidade surda emergiram, os pais de Joaquim tiveram que receber a dura notícia de que o filho não conseguiria se desenvolver e que dependeria da família pelo resto da vida. Assim como o personagem Forrest Gump, a criança foi rotulada como alguém diferente, incapaz de ter uma vida “normal” como os outros. Contudo, Joaquim passou por cima de todas as estatísticas. E, como na cena do filme em que Gump se solta dos ferros que prendem seus pés, ele correu em direção à conquista de realizações. Joaquim provou que não só era independente para cuidar da própria vida, como também articulado na forma de comunicação.

“Eu fiz fonoterapia e treinamento de fala por muito tempo na infância. Fui forçado a aprender a ler lábios e a olhar para as pessoas. Eu voltava das sessões e treinava mais em casa, escrevia palavras por todos os cantos. Além disso, eu lia muito e usava estímulos musicais”, descreve o surdo oralizado sobre o processo de aprendizagem da linguagem. Aos sete anos, ele começou a usar aparelho auditivo, mas a hipersensibilidade aos sons tornava o processo de escutar doloroso.

“Eu cheguei a quebrar vários aparelhos. E o aparelho era apenas um acessório, que servia para saber que tinha som, mas não para entender”, explica. O produtor de acessibilidade vivenciou a infância, adolescência e parte da vida adulta sem conseguir distinguir as conversas, os barulhos e as melodias do dia a dia, até que, aos 31 anos, ele fez cirurgia para colocar implante coclear e, a partir daí, descobriu a trilha musical de um novo mundo.

Para o analista de sistemas, as imagens também são capazes de despertar emoções. No entanto, ele acredita que somente os sons têm o potencial de evocar os sentimentos mais profundos. Uma atividade simples, que ele realiza todos os dias, pode ilustrar esse poder sonoro. Viciado em café, Joaquim tem todo um “ritual” para deixar a bebida do jeito que ele gosta.

Certo dia, já com o implante, ele teve uma experiência multisensorial ao prepará-lo. Primeiro, ele acendeu o fogão a gás e

se deliciou com os estalos do fogo. Em seguida, colocou a panela com água e notou a mudança do barulho à medida que as gotas começavam a sofrer as primeiras fervuras. Na sequência, observou o ruído do café passando pelo filtro, até ser coado e cair dentro do bule. “E quando finalmente servi o café na xícara, a segurei, senti o calor, o cheiro, o gosto e ouvi o barulho quando o bebi. Nesse momento eu falei: estou completo, pois pude ter todas as sensações”, define Joaquim, emocionado.

Perceber e interpretar os sentimentos são outros desafios para ele, que com frequência é bombardeado por perguntas e tomado de teorias que tentam explicar tudo que sente. “Eu tive que aprender a fazer uma espécie de varredura no corpo para poder identificar o que estava sentindo.” Na tentativa de expressar os significados ocultos, ele criou o hábito de escrever poemas. “A arte é uma ferramenta potente para lidar com os nossos sentimentos”, diz.

A arte, aliás, é parte da vida de Joaquim, que transita entre os dois universos: o do consumidor e o do produtor de cultura. Ele destaca que a vantagem de trabalhar com projetos de acessibilidade é que ele pode consumir os eventos artísticos em primeira mão. Apesar de ter a audição comprometida, a música foi a primeira paixão dele.

As memórias da infância no Rio de Janeiro permanecem

vívidas em sua mente: época em que os blocos de samba passavam pela rua e as marchinhas ritmadas penetravam pela janela de seu apartamento e invadiam o espaço sem pedir licença. Como sintetiza Murray Schafer: “O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas”.

Quando a mãe percebeu que ele gostava desse estilo musical, o presenteou com videocassetes de samba e pagode. “Foi o primeiro estilo que eu gostei. Eu ficava repetindo de novo e de novo a mesma música até conseguir compreender tudo.” Joaquim apreciava as canções por meio das batidas e das vibrações.

Um tempo depois, ele até decidiu tocar pandeiro e chegou a participar de uma banda. “Peguei uma caixa de requieijão e comecei a imitar o movimento por meio da vibração. Eu observava a quantidade de batidas e as reproduzia”, explica. Ao treinar a audição a se guiar pelas vibrações, ele desenvolveu uma forma diferente de se relacionar com a música.

“Uma vez eu estava usando o aparelho e não estava conseguindo acertar o ritmo. Aí decidi tirar e toquei melhor. Às vezes perceber auditivamente me atrapalha, enquanto pela vibração eu consigo captar melhor”, conta Joaquim, que prefere os instrumentos de percussão aos de corda.

Cinema e teatro são outras formas artísticas que cativam o interesse de Joaquim. O problema é que nem sempre ele tem

acesso a elas. Certa vez, ele foi ao cinema assistir ao filme *Ensaio sobre a cegueira* (2008). Como a legenda não era em *closedcaption*, ou seja, descritiva, ele não conseguia entender quem estava falando ou captar os sons, essenciais para o entendimento de algumas cenas. Em uma delas, por exemplo, a tela ficou preta e só restou o silêncio.

“Tem uma cena do *Ensaio sobre a cegueira* que dá um breu geral, eles vão parar em um supermercado e tem uma barulheira que acontece. Fiquei muito chateado porque olhava em volta e todo mundo fazia expressão, caras e bocas, olhando na expectativa do que estava prestes a acontecer. Como eu não conseguia ouvir, fiquei esperando sem entender nada. O tempo parecia tão longo que tive vontade de me levantar e ir embora”, lamenta ele.

A experiência foi tão ruim que o fez “detestar” o longa, aclamado pela crítica. Ele também já chegou a se frustrar quando comprou ingresso do filme *Transformers* (2007) legendado, e ao ficar de frente à telona do cinema percebeu que era dublado. “Tive uma dor de cabeça para resolver a questão do ingresso. É todo um transtorno que eu e muitas pessoas com deficiência precisamos passar, nos expor, dar aula e ficar se explicando.”

Joaquim não possui liberdade, como as demais pessoas, para frequentar o cinema. Segundo ele, a legenda por si só não garante o acesso pleno. É necessário que ela não só traduza os

diálogos, como também descreva o pano de fundo das cenas. Na visão dele, a acessibilidade cultural possibilita que as pessoas com deficiência experimentem as mesmas sensações e tenham impressões semelhantes àqueles que não são.

O projeto Cine Surdo, que ele ajudou a organizar, é um exemplo real disso. “No final da exibição do filme os surdos estavam conversando sobre as mesmas impressões dos demais ouvintes e reclamando dos personagens chatos. Todos tiveram a mesma experiência. Isso é fantástico!”, ressalta com brilho nos olhos.

Dentre os gêneros cinematográficos, os filmes de terror são os que mais exigem recursos de acessibilidade para serem compreendidos. Ao invés de serem estimulantes, eles são tediosos para surdos, como Joaquim, uma vez que as sonoplastias são peças-chaves para a criação da atmosfera de tensão. De acordo com um estudo realizado por cientistas de Universidade da Califórnia (2010), o uso de sons não-lineares, com notas distorcidas e amplificadas à medida que a trama avança, é usado para elevar o impacto emocional das cenas.

Para que pessoas surdas possam emergir na narrativa sinistra, é necessário que haja uma legenda descritiva que sinalize e detalhe os eventos aterrorizantes, como “corrente se arrastando”, “respiração ofegante” e “porta fechando sozinha”. “Se eu aviso que tem alguma coisa secundária acontecendo, ele

começa a ficar ansioso”, explica Joaquim.

Espectáculos teatrais também são difíceis para ele acompanhar. O produtor cultural só consegue usufruir de uma peça de teatro se ela contar com um intérprete de Libras. Além disso, é necessário que o profissional esteja bem posicionado no palco, de forma a não atrapalhar a visualização da peça. “A interpretação em Libras desse tipo de peça requer muito mais do intérprete. Ele também precisa ser ator, porque se ele simplesmente interpretar a fala você não vai saber quem está falando o quê. Eu preciso de um profissional que dance com o cenário.”

Se os espaços que combinam recursos sonoros e visuais são mais propensos a gerar incômodos a ele, os museus, por outro lado, são ambientes que proporcionam as experiências mais confortáveis. “Em museus normalmente as luzes são fracas, o ambiente é silencioso, ninguém entra em multidão, então é mais agradável.”

Muitas das decepções que Joaquim viveu poderiam ter sido traumáticas para aqueles que se deparassem com elas apenas uma vez, mas para ele elas já se tornaram comuns. “Às vezes eu canso de lutar. Quando por algum motivo eu não consigo usufruir do espaço, eu só saio. E aí acaba sendo uma pessoa a menos ali. Por isso, a gente acaba ficando invisível.”

Em uma sociedade repleta de padrões em relação às

aparências, atitudes e modos de ser, os diferentes são excluídos. “A gente tem que se adaptar ao mundo senão não somos aceitos por ele. Queremos mais do que recursos de acessibilidade, queremos empatia”, clama Joaquim, que não gosta de ser visto como um exemplo de superação.

“Isso é uma das formas de capacitismo. Quando você observa com uma outra ótica isso machuca a pessoa com deficiência, pois significa que ninguém quer nos aceitar como realmente somos. A deficiência constrói a imagem de quem eu sou, faz parte de mim”, justifica.

Como Joaquim também é autista, ele evita lugares movimentados e barulhentos, como festas e shows, por aflorarem a sua hipersensibilidade. Os burburinhos que vêm de todas as direções, a poluição visual diante do excesso de pessoas e estímulos, o cheiro de bebida e cigarro no ar, a música alta de fundo –que faz com que seja necessário aumentar o tom de voz para se fazer ouvir –o deixam sobrecarregado, oprimido.

É nas áreas reservadas e no *backstage* dos palcos onde ele fica mais à vontade. Mas a verdade é que Joaquim nunca se sentiu pertencente a lugar nenhum. Ele conta que vive no limiar entre dois mundos: o dos autistas e o dos surdos. “Eu não era aceito nem entre os surdos, nem entre os falantes. Sofria bullying dos dois lados”, confessa.

Quando finalmente achou que tinha se encontrado, ao descobrir uma comunidade de surdos oralizados, percebeu que a sua condição múltipla impedia a identificação total. Os filhos também autistas, Laura e Ângelo, vieram para dar um senso de pertencimento maior à sua vida. “Eu sempre quis casar e construir uma família, era um sonho de infância. Somos uma família totalmente atípica”, diz. Ele teve a oportunidade de ter duas vivências diferentes de paternidade. Enquanto a primogênita nasceu antes de ele fazer o implante, o segundo filho veio quando Joaquim já conseguia escutar.

Mesmo com apenas quatro meses de vida, a bebê aprendeu a se comunicar com ele por meio de gestos, caras e bocas. É graças a ela, inclusive, que Joaquim decidiu colocar o implante. Ele tinha vontade de ouvi-la cantar, dom que ela cultivava desde pequena. Toda vez que ele olhava para o retrovisor do carro podia vê-la abrindo a boca para soltar a voz. “Ela cantava músicas infantis e sempre fazia toda uma performance para cantar. Eu não queria perder essa janela de aprendizado dela, queria ser capaz de participar desse momento.”

Mais tarde, Joaquim pôde se emocionar ao escutar o som do choro do filho no momento em que deixou o ventre da mãe, Bárbara. “Quando o Ângelo nasceu, foi uma grande confusão na

minha cabeça. Ele passou 40 minutos berrando sem parar. E eu estava besta ao lado dele, olhando maravilhado, porque podia escutar o som do meu filho”, relembra.

As duas crianças são agraciadas com altas habilidades musicais. Sem fazer aulas, eles aprenderam a dedilhar notas no piano, a desenhar e pintar quadros. “Eles são tão musicais que passam o dia fazendo barulho. A minha sensibilidade auditiva grita. Mas sabendo que meus filhos são autistas, eu não quero os tolher de nada, quero que usufruam todas as sensações”, diz.

Com auxílio de tecnologias interativas que possibilitam colorir, montar personagens, escolher falas e se movimentar seguindo sons, Joaquim imerge na exposição Mundo Zira-Zirado Interativo (2022), em exibição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília. Assim que atravessamos uma cortina vermelha para entrar no primeiro ambiente expositivo, uma enxurrada de sons nos atinge.

Logo posso perceber que ele está um tanto atordoado com a

grande quantidade de estímulos sonoros. Diversos elementos espalhados por toda a sala disputam a atenção do espectador. Barulhos estridentes de imagens de roupas dos personagens sendo trocadas por meio de toques na tela. Uma orquestra tocando à medida que alguém mexe os braços e aciona um sensor, que emite uma luz forte. Desenhos digitais em cima de telas à espera de serem coloridos.

Ao fundo, a paisagem de uma floresta se mescla com a de uma projeção, repleta de árvores e animais. Ao mesmo tempo, quando alguém pula em um ponto demarcado no chão, um ruído de “splash” surge, e uma imagem é projetada na tela. Quando pergunto como está sendo a experiência, Joaquim afirma que não consegue distinguir os barulhos, nem perceber de onde eles vêm, pois os sons estão sobrepostos e se misturam, “como em um liquidificador”.

O aparelho não permite a percepção da lateralidade do som, o que afeta a capacidade de compreensão do que se passa ao redor. “Eu consigo escutar, mas preciso me concentrar para separar os sons. Quando coloquei o aparelho eu passei a conseguir escutar, mas como nunca tinha ouvido antes, o meu cérebro não foi treinado para interpretar o som”, destaca.

A audição não é só um receptáculo, mas também envolve a interpretação cerebral, como explica Murray Schafer: “A

impressão é apenas metade da percepção. A outra metade é a expressão. A uni-las, está a inteligência – o conhecimento acurado das observações percentuais. Pela impressão, conciliamos a informação que recebemos do ambiente”.

Depois de explorar parte da exposição, Joaquim avisa que vai desligar o aparelho, porque não está se sentindo bem em meio a onomatopeias, luzes e imagens refletidas. Quando a sinfonia exterior não quer calar, ele desliga o aparelho e encontra conforto no silêncio. O analista de sistemas acredita que, se os sons de cada uma das sessões da exposição fossem isolados, a experiência seria mais agradável.

“Como os recursos são acionados ao mesmo tempo por várias pessoas, o ambiente acaba ficando sobrecarregado. Outra alternativa seria uma visita guiada. Assim, as pessoas ficariam juntas em cada sessão e acionariam as tecnologias interativas uma de cada vez”, sugere Joaquim, quando já estamos do lado de fora da sala e ele liga o aparelho de volta.

Enquanto nos dirigimos à segunda parte da exposição, caminhando pelo amplo gramado que contorna o prédio, Joaquim recarrega a energia, que pouco a pouco retorna ao equilíbrio. De fora da galeria de vidro já é possível avistar balões enormes com ilustrações de personagens famosos de Ziraldo estampadas.

Pufes coloridos estão dispostos pelo chão junto a mesinhas

abarrota­das de pilhas de histórias em quadri­nhos. É o cenário perfeito para um momento de relaxamento. “É como se fosse a sala de espera. Aqui é mais silencioso e os vidros isolam o som de fora. Me sinto bem aqui”, destaca Joaquim, quando adentra­mos o espaço.

Acomodados nos pufes e isolados de todas as perturbações do lado de fora, eu visito o universo de Joaquim e compreendo o desafio que é viver em uma imprevisível montanha russa de emoções, sensações e estímulos.



Mariana, a desbravadora...

"A dança? Não é movimento, súbito gesto musical.

É concentração, num momento, da humana graça natural.

No solo não, no éter pairamos, nele amaríamos ficar.

A dança – não vento nos ramos: seiva, força, perene estar.

Um estar entre céu e chão, novo domínio conquistado,

onde busque nossa paixão libertar-se por todo lado...

Onde a alma possa descrever suas mais divinas parábolas

sem fugir à forma do ser, por sobre o mistério das fábulas."

Carlos Drummond de Andrade

Braços soltos em movimentos ritmados. Cabeça se movimentando para lá e para cá. Olhar potente que transborda tudo que as palavras não seriam capazes de expressar. Uma melodia dançante e animada embalando cada passo. O corpo está preso a uma cadeira de rodas, mas a alma está livre para flutuar. Como diria Frida Kahlo: “Pés, pra que te quero, se tenho asas para voar?”. Ao invés de deslizar pelo palco com as pernas, Mariana Guedes se movimenta por meio das rodas.

É assim que a brasileira de 30 anos ressignificou o lugar da dança em sua vida, companheira inseparável desde quando ainda estava na barriga da mãe. Com influências dos ritmos: forró, zouk e samba de gafeira, o jeito “Mariana” de ser se moldou: vivo, curioso e dinâmico. Mariana é como borboletas, em constante metamorfose. “Quando acordo já sou outra pessoa”, revela.

A personagem Rapunzel da animação da Disney *Enrolados* (2010) se assemelha ao seu espírito aventureiro e entusiasmo, sempre em busca de “algo mais”. Enquanto Rapunzel se libertou da torre para explorar o mundo e encontrar o sentido de sua existência, Mariana se despiu dos estereótipos associados a uma pessoa com deficiência física e provou que o céu era o limite diante do infinito de possibilidades que ela ainda poderia experimentar.

Mesmo quando ela precisou se reconectar com a dança de

outra forma, a vontade de se expressar por meio do corpo não se perdeu. “Eu tive que evoluir a minha percepção corporal e reaprender a dançar.” Além de bailarina, Mariana é jornalista, fotógrafa, feminista, anticapacitista, panssexual e cadeirante, sendo essa última característica apenas uma das demais partes que a definem. Rótulos não se encaixam a ela, que se reinventa a cada instante.

Foi há sete anos, quando estava voltando de carona da Chapada dos Veadeiros, que tudo se transformou. Mariana estava no banco de trás, ouvindo música no fone de ouvido enquanto acompanhava a transição da paisagem do Cerrado pelo vidro do carro. No banco da frente, o motorista, chapado após alguns beques de maconha, tirou uma das mãos do volante na intenção de alcançar um refrigerante próximo ao freio de mão. O movimento mal calculado fez com que ele perdesse o controle do carro. Assim, o veículo foi parar no acostamento e, por estar a uma velocidade de 80 km/h, capotou três vezes.

Com o impacto, os dois foram arremessados para fora, e o carro caiu em cima de Mariana, que lesionou a medula e perdeu os movimentos da altura dos seios para baixo. Quando acordou no hospital e se deu conta da nova realidade, ela não derramou uma lágrima. Ao contrário do que se espera de alguém que acaba de ficar paraplégica, o acidente potencializou o desejo dela

de viver. “Quando a gente quase morre percebe que a vida que temos está por um fio. Isso faz com que uma chave vire e a gente passe a ter mais vontade de aproveitar a vida.”

Assim, ela seguiu em frente, vivendo dia após dia com a esperança de um amanhã melhor. O traumatismo craniano, a fratura na clavícula e as sequelas no pulmão deram lugar a uma Mariana renascida. Como não conseguia mais sentir metade do corpo, a visão passou a ser o seu sentido principal. “Minha visão se tornou minha nova sensibilidade. Eu tenho que observar o meu corpo toda hora para cuidar do meu organismo e conseguir ter mais liberdade.”

Após o acidente, ela precisou se familiarizar com a ideia de que já não era a mesma de antes, e amar sua nova versão. Ela conta que durante a estadia no hospital conviveu com outros pacientes que tinham dificuldade de se desligar do “antigo corpo”, pois queriam a todo custo resgatar o estilo de vida que tinham antes. “Isso afeta muito o emocional e gera um peso que não precisa ser carregado. Quando você sofre um acidente, ocorre uma ruptura, você passa a ser outra pessoa em um corpo diferente.”

Em filmes com protagonistas com deficiência física, esse anseio pelo “eu do passado” é comum. Na produção francesa *Intocáveis* (2010), o aristocrata tetraplégico Philippe tinha uma visão sobre si mesmo limitada até que o imigrante senegalês,

Driss, é contratado como cuidador dele. No romance *Como eu era antes de você*, Will vivia deprimido e ressentido por não ser mais o homem viril, viajado e aventureiro.

Fugindo desse padrão, Mariana optou por trilhar um caminho de redescobertas e desbravar novos desafios com perseverança. Apenas quatro meses depois do acidente, ela voltou a trabalhar com fotografia. Acostumada a subir em árvores, deitar no chão e se embrenhar em cantos apertados para explorar ângulos diversos, ela criou outras estratégias para continuar registrando as belezas ao redor. “Ganhei uma câmera de aniversário que tinha Wifi, o que me permitiu trabalhar as fotos pelo celular. Enquanto eu regulava o obturador, ISO e luz, outra pessoa segurava a câmera no lugar que eu desejava”.

Mariana podia estar com parte dos movimentos imobilizados, mas parar nunca foi uma opção para ela, que se empenhou para experimentar novas atividades. Hipismo, arco e flecha, tênis de mesa, canoa e crossfit são apenas algumas das modalidades esportivas que ajudaram a mente dela a se manter ocupada.

Há mais de quatro anos, a jornalista também encontrou no Street Cadeirantes, segundo maior grupo de dançarinos em cadeiras de rodas do mundo, um lugar onde pertencer. O grupo de dança urbana, formado por 10 pessoas com deficiência física, já teve a honra de abrir shows de artistas nacionais e

participar de eventos populares da cidade. Anitta, Iza, Marina Sena, Na Praia, Moto Capital Week e Carnaval no Parque são algumas das atrações e festivais que figuram no extenso currículo do grupo.

Em 2020, o grupo também fez uma participação especial no quadro *The Wall*, do Caldeirão do Huck. O intercâmbio para o México, no entanto, foi a maior aventura de todas. Junto à fiel escudeira: a cadeira de rodas, Mariana conheceu a vibrante cultura mexicana: belas paisagens naturais, a arquitetura maia e os museus repletos de memórias afetivas. Além disso, ela se deliciou com tacos, tortillas, guacamole, burritos, e claro, a famosa tequila.

A fotógrafa entrou no avião sozinha, mas esteve rodeada de calor humano durante toda a viagem. “Me senti em casa”, diz. O episódio mais marcante foi quando ela apareceu no telão de um jogo de baseball fantasiada de Frida Kahlo, com a bandeira do Brasil. “A gente só vive uma vez. Não consigo nem dizer em palavras quantas pessoas e lugares incríveis eu conheci. Eu voltei tão expansiva que não cabia em mim”.

Por falar em Frida, a jovem nutre uma conexão especial com a história da artista mexicana. A identificação vai além do acidente de carro que deixou a pintora com sequelas físicas. Como Frida, Mariana também se sente feliz simplesmente por poder

estar em contato com a arte. No processo de redescobertas, a atração dela pelas manifestações artísticas se intensificou ainda mais. Esse vínculo, inclusive, é de longa data.

Primeiro veio a fotografia. Cada momento marcante de seu desenvolvimento era captado por meio de cliques da câmera fotográfica da mãe. Os primeiros passos, o primeiro passeio na bicicleta e a primeira apresentação de dança foram todos eternizados pelas lentes. Nas palavras de Walter Benjamin (2006): “O que torna as primeiras fotografias tão incomparáveis talvez seja isto: elas representam a primeira imagem do encontro entre a máquina e o homem”.

O gosto pela arte de reprodução das imagens se intensificou durante a faculdade, quando Mariana teve a confirmação de que tinha um “olhar sensível”. “Eu cresci com muita familiaridade com a fotografia. Em um semestre da faculdade teve um concurso e eu ganhei júri técnico e popular. Foi um momento importante de validação pessoal. A partir disso eu tive o *feedback* de que tinha talento”.

A música é outra paixão da jornalista, que se diz “viciada em ouvir música”. “Eu uso para tudo: chorar, me arrumar, sair, gritar, fazer esportes, relaxar, meditar. A música tem uma capacidade enorme de mudar o meu humor”. Há alguns meses ela se desafiou a tocar um instrumento e comprou um ukulele. Mas

ainda não satisfeita, resolveu se arriscar na sanfona. “Tem sido um desafio porque é um instrumento que exige muita coordenação motora”.

Por terem os ingredientes que ela tanto curte: música e dança, festivais são o passatempo preferido da fotógrafa. Ela já marcou presença no Festival CoMa, no Na Praia e no Festival Plural, por exemplo. “Sou aquela pessoa que vai para consumir o produto, a produção, a presença de palco. Gosto de perceber a energia e fisionomia do artista ao vivo e a cores”. Além de festivais, Mariana adora ir a exposições, espetáculos e shows. “Assim como eu, minha filha vai ser piolho de evento cultural”, planeja.

Frequentar esses eventos em uma cadeira de rodas, contudo, nem sempre é prazeroso. Mariana já teve experiências ruins em espaços que não contavam com acessibilidade. No último picnic, um evento famoso da cidade que conta com programação diversa, ela se sentiu bem decepcionada. “Não tinha área para PCD, eu tive que ficar dentro da estrutura do palco senão ia ser empurrada pelo público. Também não tinha pista acessível para chegar até o palco, então precisei ser carregada em diversos momentos, o que tirou muito minha autonomia”.

No Festival Plural, por sua vez, a experiência foi positiva, pois havia piso elevado, rampas e banheiro acessível. Ela conta que quando o evento não tem um espaço próprio para PCDs,

as pessoas com deficiência costumam ficar próximas ou dentro do palco. Apesar do local ter cabos espelhos pelo chão e caixas de som, a vantagem é que ela pode ficar pertinho dos artistas e aproveitar para fazer “uns closes bem legais” com sua câmera.

Quando se depara com espaços onde não se sente bem-vinda, ela procura conversar com a produção do evento e se disponibilizar a ajudar. Como Mariana fez um curso técnico de eventos, tem uma boa noção de como eles são produzidos, e por isso, costuma emprestar o olhar de uma pessoa com deficiência. Ao todo, ela já foi convidada para trabalhar em 8 projetos culturais.

Dentre eles, a 6ª edição do Favela Sounds (2022), maior festival de cultura periférica do país, onde ela foi coordenadora de acessibilidade. “Essa foi a primeira edição com um Comitê de Acessibilidade. Além do banheiro químico acessível, foi pensando em toda uma jornada, desde como a pessoa com deficiência vai se locomover pelo evento até chegar ao palco. Além disso, havia um espaço seguro e com boa visão para assistir aos shows”, descreve.

Mariana acredita que ainda há muito a melhorar no que se refere à acessibilidade dos espaços culturais. Nesse ínterim, ela pretende continuar empenhando esforços para tornar esses ambientes livres de barreiras que atrapalhem a fruição da arte pelas pessoas com deficiência.

Para entender como é a experiência de Mariana em espaços culturais da cidade, a convidei para visitar a Feira Ibero-Americana (2022), evento gratuito com apresentações de música, dança e comidas típicas de países da América. Na hora de estacionar o carro, a primeira dificuldade aparece. A vaga para PCDs ficava longe da entrada, sendo necessário que ela pedisse ajuda de um segurança para levantar a grade e facilitar o acesso dela ao local.

Contar com a boa vontade das pessoas é algo que faz parte da rotina dela. A palavra vergonha já nem existe no vocabulário de Mariana, que precisa se virar nos momentos em que está sozinha. Para alguns, depender da compaixão e educação alheia poderia representar um peso, mas não para Mariana. Ela tira isso de letra e está sempre a postos para reivindicar os próprios direitos.

Poucos segundos depois de entrarmos no evento, ela já está trocando ideias com os funcionários e explorando o ambiente. É até necessário que eu aperte o passo para conseguir acompanhá-la. O piso é plano, então ela circula sem dificuldades. Não posso deixar de notar o quanto ela atrai olhares curiosos

enquanto passa, como se fosse uma entidade de outro planeta. “Você não se incomoda com isso?”, pergunto mais tarde.

“As pessoas sempre me encaram quando estou nesses lugares. Eu já me acostumei. E devolvo com um sorriso. Aí eles ficam constrangidos por terem me julgado”, responde com um olhar triunfante. Ela conta que geralmente é a única nesse tipo de lugar, e que por isso, desperta tanto a curiosidade das pessoas. A autoestima bem trabalhada de Mariana fez com que a aceitação de sua condição não fosse uma tarefa árdua.

Depois de confirmar que há um banheiro acessível no local, nos dirigimos à área dos food trucks, até que um estande de vinhos estrangeiros chama a atenção dela. “Vamos fazer uma degustação”, propõe empolgada. Para se comunicar com a atendente, Mariana precisa aumentar o tom de voz, pois os balcões são altos e a deixam pequenina, parecendo “uma criança”, nas palavras dela.

O obstáculo, por sua vez, não impede que Mariana se sinta confortável para pedir um pouco de cada vinho. Ela vai com sede ao pote, ansiosa para experimentar todos: branco, tinto, suave, seco. Quando noto que ela está satisfeita, eu a chamo para sentar em uma mesa. Em tom brincalhão, ela rebate: “Eu já estou sentada”. Eu rio ao me dar conta do que acabei de dizer.

De repente, uma banda tocando música cubana entra no

palco, que não conta com rampas de acesso. Ela logo balança o corpo e lamenta: “Se fosse uma pessoa com deficiência no palco, as pessoas iriam desconfiar da nossa capacidade. Nós precisamos nos provar capazes o tempo inteiro”. Isso me faz refletir: a sociedade é tão julgadora, não deve ser nada fácil ter de lidar com os pensamentos e expectativas dos outros. Como se lesse minha mente, ela comenta: “Quando eu vou para um evento com pista de dança eu empino a cadeira e giro. Essa é minha forma de quebrar tabus, através do meu corpo, da minha arte”.

Mariana é um livro aberto. Em poucas horas conversamos sobre relacionamentos, viagens, ensaios fotográficos, planos futuros... Ela é jovem, mas já viveu muito, e ainda pretende viver muito mais. “Meu sonho é ser nômade digital e desbravar cada canto. Eu amo conhecer novas culturas e fazer amizades”.

Cenário brasileiro

Com monumentos modernistas, construções simétricas e amplas, Brasília pulsa e vibra arte. Não é à toa que a cidade, carinhosamente apelidada de “Quadrado”, conta com várias opções de lugares para colecionar momentos de lazer e/ou usufruir da cultura. No entanto, os espaços culturais ainda estão longe de serem acessíveis ao público com deficiência.

Segundo o estudo Retratos Sociais DF⁷, elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), residem na capital 113.642 pessoas com deficiência, o que corresponde a 3,8% da população com dois anos de idade ou mais. Entre elas, 43,2% possuem deficiência visual; 22,6%, múltipla; 19,8%, física; 7,2% auditiva; e 7,2%, intelectual/mental.

Por mais que, na teoria, a capital do país esteja na vanguarda com legislações de acessibilidade cultural avançadas, na prática ainda há obstáculos para que a cidade se consolide como um exemplo a seguir. Como veremos mais adiante, grande

7 IPEDF - Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal. **Retratos sociais 2021: Pessoas com deficiência**. Brasília, DF: IPEDF, 2022. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/RETRATOS-SOCIAIS-PCD-SUMARIO.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

parte dos espaços culturais ainda não atendem aos requisitos de acessibilidade cultural estabelecidos pela lei.

Em outubro de 2022, o decreto nº 43.811 instituiu a Política Cultural de Acessibilidade⁸, que visa “fortalecer, valorizar e fomentar ações que promovam a acessibilidade e assegurem o pleno exercício das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida na criação e na fruição cultural no Distrito Federal”.

A política determina as condições que devem ser implementadas para que pessoas com deficiência física, visual, auditiva, intelectual e múltipla se sintam pertencentes à cena cultural da cidade.

Para tal, a lei dispõe que as barreiras urbanísticas, arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais e tecnológicas que impeçam a participação de todos sejam eliminadas. Além disso, ela delibera que os editais de fomento à cultura prevejam a obrigatoriedade de inclusão de recursos de acessibilidade nos projetos culturais.

Segundo Laís Valente, chefe da Assessoria Jurídico-Legislativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF (SECEC), o decreto é inspirado na portaria de 2018, que teve o status de política elevada para que fosse mais conhecida. A ideia é aprimorá-lo para que ele seja mais pragmático e traga ações mais concretas.

8 BRASÍLIA. **Decreto n.º 43.811, de 5 de outubro de 2022.** Política Cultural de Acessibilidade. Diário Oficial do Governo do Distrito Federal. Brasília, DF, n. 189, p. 3. 6 dez. 2022. Seção 1, pt. 1.

Na avaliação da especialista em acessibilidade cultural Viviane Sarraf, o Distrito Federal é o único local do país que conta com uma política cultural de acessibilidade decretada como lei. “O que falta é colocar isso em prática”, pontua. O DF não tem nenhuma instituição de cultura com recursos de acessibilidade permanentes, isto é, como parte do DNA do espaço, como é o caso do Itaú Cultural e do Sesc de São Paulo, por exemplo.

MAIS POLÍTICAS

A nova legislação vai ao encontro da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015). A lei nacional estabelece o direito de acesso das pessoas com deficiência à cultura, assim como a relevância de se assegurar a participação delas nas atividades culturais.

Como forma de inserir essa parte da população na cena criativa do país, o Plano Nacional de Cultura definiu, em 2010, a meta de que 100% de bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendessem aos requisitos legais de acessibilidade e desenvolvessem ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência até o ano de 2020.

O que se percebe, a partir das entrevistas com os especialistas

do setor cultural, é que em grande parte do território verde e amarelo, a contar com o Distrito Federal, essa meta ainda não havia sido alcançada até o final de 2022.

Para Neide Nobre, produtora cultural e conselheira de cultura do DF, representante da sociedade civil, é necessário que as leis sejam colocadas em prática. “O DF tem uma boa legislação, só precisamos sair do papel para execução. Precisamos avançar em relação aos prazos. É como se estivéssemos trocando pneu com carro andando, precisamos agilizar, pois os agentes cobram um direito da lei que existe e que precisa ser cumprida”, explica.

O primeiro passo para mudanças práticas efetivas, de acordo com ela, é ampliar a escuta da população. “O poder público não se move por si só. Ele tem que ser provocado a se mover. E a comunidade precisa entender isso. Nós temos direito da cobrança da exigência e do acesso”, diz a conselheira.

O artista e produtor cultural Cristiano Gomes à frente de iniciativas acessíveis, como o Surdo Cinema, avalia que a maioria dos aparelhos culturais do DF tem acessibilidade estrutural, mas ainda carece de outras formas de acessibilidade. “O peso de ofertar a acessibilidade tem sido colocado na mão dos produtores culturais, mas são os próprios projetos que têm que ofertar essa acessibilidade”.

O Sistema de Financiamento da Cultura no DF abrange o orçamento da própria secretaria, o Fundo de Política Cultural

do DF (FPC), o Fundo de Apoio à Cultura (FAC), o Programa de Incentivo Fiscal e Emendas Parlamentares. Ademais, a cidade possui um Plano de Cultura que define as diretrizes e metas a serem implementadas até 2025.

Cristiano Gomes acredita que cada vez mais editais têm exigido dos produtores a oferta de acessibilidade cultural, o que resultou na disponibilização de mais projetos acessíveis na cidade. “É bem comum ver um espetáculo teatral que conta com intérprete de libras ou com áudio descrição. Não só espetáculos teatrais, mas shows, exposições, espetáculos de dança, filmes, há variadas programações que contam com pelo menos algum tipo de acessibilidade, nem sempre para todos os públicos”, observa o artista.

No ano de 2022, a Política Cultural de Acessibilidade passou a prever a obrigatoriedade da contratação de pessoas com deficiência nos projetos. Os editais, por sua vez, não são acessíveis a pessoas com deficiência. “Existe reserva para pessoa com deficiência, mas não existe um formulário de inscrição em libras, com áudio descrição, por exemplo. Nota-se essa incoerência. Pelo menos nos últimos quatro anos, a Secretaria ainda não conseguiu sanar esse problema”, lamenta Cristiano.

Apesar de considerar a novidade importante, a produtora cultural Elisa Gomes afirma que essa exigência não veio acompanhada de um suporte para a classe artística. “Não temos um

sindicato que demonstra um trabalho ativo, um levantamento, um banco de dados de pessoas com deficiência que trabalham em produção cultural. Houve apenas uma imposição no edital sem que houvesse nenhum tipo de suporte para a classe artística. A secretaria simplesmente jogou essa responsabilidade para nós, sem criar uma base para que ela funcione na prática”, problematiza.

SETOR PRIVADO

Assim como os espaços culturais públicos do DF, os privados também precisam promover acessibilidade cultural. “Os espaços privados devem ser sensibilizados, assim como, o governo contribuir para a mobilização dos gestores. As leis também necessitam atingir esses espaços”, aponta o gestor cultural e criador do Festival do Teatro Brasileiro, Sergio Bacelar.

Contudo, ainda há entraves para que o setor privado avance nos mecanismos de acessibilidade. A curadora de arte e professora de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) Cinara Barbosa destaca que as instituições privadas são mais frágeis. “Muitas vezes, o gestor não consegue dar as condições necessárias de acessibilidade porque ele mal consegue gerir o espaço. É complicado exigir isso do mais frágil da cadeia. Será que a

gente consegue falar de uma forma igualitária para todo e qualquer espaço?”, reflete ela.

Na avaliação de Elisa Gomes, produtora cultural e fundadora da Casa do Quatro, teatro na 708 Norte, localizado na área central de Brasília, grande parte dos desafios para a implementação da acessibilidade cultural está relacionada à falta de investimentos. “Foram imensas as dificuldades para abrir o espaço, construir, reformar... Se já é complicado manter um espaço cultural, torná-lo acessível, então, é ainda mais. Há um apoio governamental, mas sem possibilidade financeira não há como fazer obra para tornar a estrutura acessível, contratar uma pessoa para se comunicar em libras, nem ter ferramentas de áudio descrição”, exemplifica.

Outro entrave, segundo ela, é a falta de conhecimento e preparação dos profissionais de cultura quanto às necessidades das pessoas com deficiência. “É preciso compreender cada tipo de deficiência para que a gente possa inserir dentro dos nossos trabalhos, durante a montagem de um espetáculo, por exemplo, recursos que sejam de fato acessíveis. Trabalhar com arte de forma geral já é um caminho em que encontramos inúmeras dificuldades. Quando você não tem uma capacitação profissional a respeito desse universo, se torna ainda mais”, assinala Elisa.

A produtora cultural ainda considera primordial o envolvimento da sociedade. “Se o assunto continua obscuro, não é trazido à luz, a gente não consegue trabalhar em cima disso”, conclui. Elisa Gomes aponta que uma consultoria de acessibilidade em todos os projetos seria uma alternativa para minimizar o problema do desconhecimento sobre a temática. “Às vezes achamos que estamos fazendo uma coisa que é bacana, que promove a acessibilidade, e na verdade não está, pois falta conhecimento específico.”

Ao encontro desse pensamento, Cinara Barbosa defende o desenvolvimento de pesquisas sobre acessibilidade de forma concomitante à curadoria e à produção artística. “Ela ganha mais condições se tiver o amparo da instituição cultural. O dever da acessibilidade não pode ser jogado nas costas dos artistas, curador, ou da equipe.” Além disso, ela pensa que os espaços culturais devem contar com uma equipe de mediadores/educadores que tenham experiência com a acessibilidade.

INICIATIVAS ACESSÍVEIS

Como forma de dar visibilidade aos espaços culturais privados do DF, surgiu o projeto BSB Planos das Artes, que mapeia, sistematiza informações e capacita a equipe para a recepção

de visitantes. “O projeto sempre teve a preocupação de receber pessoas com deficiência e incluir a acessibilidade na programação”, diz Cinara.

Cristiano Gomes elenca algumas iniciativas acessíveis na cena cultural da capital. O Surdo Cinema, que promove a inserção de pessoas surdas no mercado audiovisual, é uma delas. O projeto de dança Pés, o Tribo Cadeirantes e o Street Cadeirante são outros projetos voltados para a inclusão de pessoas com deficiência física na dança.

Há também a TV Apada, um projeto de transmissão na internet, que em dezembro de 2022 estava em fase de pré-produção. “Uma característica dela é que há pessoas com deficiência que protagonizam em frente às câmeras e ficam no *backstage*”, conta Cristiano.

PROJETO DA SECEC-DF

No intuito de fortalecer e modernizar as medidas de acessibilidade para promoção do direito à cultura às pessoas com deficiência, em janeiro de 2022, a Secretaria lançou um edital para contratar um especialista em acessibilidade cultural.

Não há nenhum departamento ou unidade da Secec voltado especificamente para a questão da acessibilidade. Diante

dessa lacuna, a pesquisadora e professora especialista no tema Viviane Sarraf foi selecionada para auxiliar o Distrito Federal até o final de 2022.

Ao todo, cinco produtos, que podem servir de inspiração para o fortalecimento da acessibilidade cultural em outras cidades por abarcarem aspectos importantes para a inclusão de pessoas com deficiência na cena cultural local foram entregues. São eles:

- 1** - Levantamento de legislação nacional e distrital que trata de acessibilidade cultural, como também sugestões de boas práticas;
- 2** - Mapeamento dos espaços culturais, acompanhado de um diagnóstico das condições e recursos de acessibilidade já presentes e que ainda precisam ser implementados;
- 3** - Análise dos editais de fomento à cultura, além de escutas públicas com servidores, comunidade, artistas e pessoas com deficiência;
- 4** - Elaboração de manuais para servidores e agentes culturais do DF;
- 5** - Capacitações presenciais e online dos servidores e agentes culturais do DF para elaboração de projetos inclusivos.

Com base nesses produtos, a secretaria está disposta a elaborar um plano de ação e mandar às áreas responsáveis. O esperado é que as mudanças sejam 100% implementadas no prazo de quatro anos. Para Laís Valente, a participação social também é importante no processo de fiscalização das políticas públicas.

“Acho que o primeiro ponto para trazer a política para a prática é sensibilizar as pessoas: isto é, os servidores e a sociedade civil sobre a importância do tema. É um esforço coletivo de todos, que devem comunicar à Secretaria, via ouvidoria ou denúncias, quando se depararem com um equipamento ou projeto não acessível”, destaca a assessora jurídica.

A existência de iniciativas de acessibilidade cultural por si só não é suficiente. Elas precisam ser divulgadas e conhecidas pelo público com deficiência para que ele se sinta atraído a frequentar os espaços culturais.

Tendo isso em mente, a secretaria tem procurado tornar as postagens nas redes sociais, assim como os editais de projetos culturais, mais acessíveis. Um passo importante para a popularização da cultura entre as pessoas com deficiência foi a criação do projeto Sala Cássia Eller Acessibilidade Integrada.

“A nossa ideia é transformar a sala em um polo de cultura acessível, um projeto piloto 100% voltado para ações de

acessibilidade que abarque artistas e públicos com deficiência”, explica Laís Valente.

Na visão dela, a iniciativa é um pontapé inicial para que no futuro todos os espaços tenham acessibilidade integrada. A previsão é que a sala esteja funcionando a todo vapor no início de 2023. “A partir do momento que você começa a ofertar mais ações de acessibilidade cultural, o público começa a frequentar mais”, acrescenta.



Lúcio, o sonhador...

“A pintura é autodescoberta. Todo bom artista pinta o que ele é.”

Jackson Pollock

O andar despreocupado, o olhar gentil e o semblante alegre dizem muito sobre Lúcio Piantino, 27 anos, que encara a vida como um parque de diversões recheado de aventuras para serem exploradas. Assim como as pinturas autorais de cores vivas e traços expressivos, o artista com síndrome de Down é alguém que marca presença com o seu jeito expansivo e afetuoso. “O Lúcio é uma pessoa bem alegre e gosta de viver intensamente. Ele aproveita cada segundo da vida dele”, aponta a mãe Lourdes Danezy, também artista plástica.

Lúcio é sociável, afetivo e amoroso. Basta uma abertura ou uma recepção calorosa para que ele dê um abraço apertado e um beijo na bochecha. “Quando o Lúcio é aceito e não sofre discriminações, ele tem muita facilidade de se relacionar com as pessoas. Ele conhece muita gente e tem amigos em todos os lugares”, conta Lourdes, mais conhecida como Lurdinha.

Contudo, por trás da fachada dócil, Lúcio carrega marcas de sofrimento, fruto do preconceito sofrido na escola por ser uma pessoa com deficiência, e também homossexual. “Os colegas faziam comentários maldosos. Muitos professores também já fizeram coisas erradas para mim. Uma vez eu fui abraçar uma professora e ela me afastou, chegou para trás”, conta ele sobre um dos episódios de preconceito na escola especial onde estudava, na Asa Norte.

Cansado de não se sentir bem-vindo no ambiente escolar, quando Lúcio completou 13 anos, ele abandonou a escola e foi levado para o ateliê onde a mãe trabalhava. Lá ele ganhou tinta, pincel e papel e mergulhou em um intenso processo criativo. Dessa imersão artística, 40 telas foram criadas, que mais tarde, comporiam a primeira exposição dele. “Depois que saiu da escola, ele se desenvolveu como artista. Hoje em dia, ele é muito respeitado nos espaços culturais”, destaca Lurdinha.

No filme *Como estrelas na Terra* (2007), Ishaan, de apenas 9 anos, experimentou um drama parecido com o de Lúcio. Ele sofria bullying na escola, era menosprezado pelos colegas e professores por ter dificuldades de ler e fazer cálculos, até que descobriu uma habilidade para se expressar por meio dos traços, formas e cores, no lugar das palavras. Em um diálogo com o pai do garoto – que questionava a “burrice” do filho –, o professor de artes afirmou: “Olhe para esses desenhos, esta é uma mente aguçada, uma imaginação vívida. Cada criança tem seus próprios talentos, habilidades e sonhos”.

Assim como o protagonista do filme iraniano, é na arte que Lúcio encontra uma forma de vencer os preconceitos contra pessoas com deficiência intelectual. Criado em uma família de pintores, o dom artístico é herança de sangue. A mãe, o pai e o avô paterno também são artistas, sendo o avô, Glênio

Bianchetti, um dos nomes mais importantes da arte contemporânea brasileira. “Eu era bebê quando minha mãe me deu tinta, papel e um pincel, e fiz alguns rabiscos”, conta sobre a experiência inédita. Lúcio foi o primeiro artista com síndrome de Down a compor o cadastro de artistas plásticos do Distrito Federal. Aos 13, o jovem criou a primeira obra. Aos 18, fez o trabalho denominado autorretrato inacabado. “Eu sou maluco por arte”, afirma o jovem.

O gosto pela pintura é comum a Felipe, 42 anos, filho com síndrome de Down do escritor Cristovão Tezza. No livro *O filho eterno*, que aborda o complexo processo da chegada de Felipe ao mundo, o autor brasileiro descreve a relação do filho com a arte. “No ateliê de pintura que Felipe frequenta o dia inteiro, feliz, duas vezes por semana, a graça do seu traço espontâneo encontra a disciplina das formas, um colorido básico e atraente e algum domínio técnico, de modo que suas telas pintadas com acrílico começam a se tornar um sucesso caseiros e atraem a atenção”, diz trecho da obra.

Segundo Tezza, o traço de Felipe é ingênuo, mas ele tem um bom domínio de cores e equilíbrio. Ele acrescenta que o trabalho com a pintura é um hobby que ajudou o filho a se expressar melhor. Para Lúcio, a pintura se tornou mais do que um passatempo. Ele já teve obras autorais expostas em um importante

Museu da Europa, na cidade de Perúgia, na Itália. Lá, teve o privilégio de ministrar um workshop para pessoas com síndrome de Down. No Brasil, já realizou 10 exposições com seus trabalhos. Após experimentar pigmentos orgânicos e outros materiais, como acrílica e vinílica, ele encontrou a matéria-prima que define a identidade de suas obras: o spray.

Amante da arte urbana, o hip-hop, o grafite e o break são os elementos que marcam a personalidade dele. Certa vez, ele grafitou uma parede inteira na W3 Sul. Apesar de ter trabalhado sem parar durante quatro horas, a atividade foi “pura diversão”. “Gosto muito do estilo hip hop, letras e palavras soltas e coloridas”, aponta. Se pudesse, Lúcio passaria o dia inteiro na Casa das Artes, experimentando tintas, pincéis, sprays e canetas coloridas. Os Gêmeos e Jackson Pollock são os artistas preferidos dele. “Eu adoro jogar tinta em uma tela. Adoraria ganhar uma lona gigante para pintar.”

O Espaço Cultural Renato Russo é a sua segunda casa, onde ele passa a maior parte do tempo. Ele até se tornou uma figura conhecida entre os funcionários e frequentadores do local. “O Espaço Renato Russo é legal porque reúne tudo: música, teatro e exposição.” De 7 de dezembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023, ele estava com a exposição *Minha Outra Metade* em exibição lá.

Ao todo, a mostra conta com 27 telas, sendo 14 selecionadas

entre o acervo do artista e 13 inéditas. Nelas, Lúcio buscou refletir seus gostos e experiências pessoais. Alguns quadros, por exemplo, remetem a filmes a que ele já assistiu ou a lugares que sonha visitar. O Museu da República e o Centro Cultural Banco do Brasil também são centros culturais da cidade que ele frequenta.

Além da paixão pelas artes plásticas, Lúcio é fã de cinema. Os filmes são um universo mágico para ele, que adora imergir nos cenários fictícios das narrativas. Ação, romance e animação são seus gêneros prediletos. Desde quando era criança, ele interpreta personagens em apresentações de Natal da família. A peça *O improvável amor de Luh Malagueta e MC Limonada* (2016-2019) marcou a estreia dele como ator. “A arte é uma terapia para mim. Em cima do palco eu me solto e coloco as minhas emoções para fora”, explica ele.

Em 2021, veio o grande desafio de sua carreira na atuação, com o espetáculo teatral solo *Somos Como Somos e não Cromossomos* (2021). Nele, Lúcio interpreta quatro papéis que dialogam com sua história de vida: o artista plástico, o B-boy (hip-hop), o deputado e a Drag Queen Úrsula Up.

No canal do YouTube Lúcio Piantino, é possível assistir duas peças, além de conteúdos sobre a vida pessoal dele. O objetivo é produzir mais vídeos em 2023 com a câmera que ganhou de presente de Natal. “Quero investir nisso, fazer vídeos mostrando

mais sobre mim, meu trabalho, meu dia a dia e os lugares que curto”, planeja.

As habilidades artísticas de Lúcio não param por aí. Ele também dança hip hop e toca instrumentos de percussão. “Gosto sempre de estar criando alguma coisa. A música mexe comigo. Eu gosto de todos os estilos, MPB, funk, axé, pop, sou múltiplo”, afirma ele, que desenvolveu o interesse pela música ao escutar o primo, que toca bateria.

Ainda no Ensino Médio, o sonho é entrar na faculdade para se tornar artista plástico e ator profissional. Outro desejo é comprar uma casa com a venda das pinturas e morar sozinho. A ideia de ter um espaço próprio para criar o entusiasmo. Além disso, ele sonha com um galpão grande onde possa guardar as pinturas e brincar com as tintas, sem medo de sujar e sem limites espaciais. “Quero colorir tudo, chão, paredes e teto.” O desejo de abrir a própria empresa, um polo de cultura que reúna teatro, dança, música e cinema em um só lugar também é compartilhado por ele.

Sonhos não faltam a Lúcio. Com uma imaginação fértil, ele é transportado para qualquer lugar. O céu é o limite. Assim como Peter Pan que escolheu ser criança para sempre, Lúcio não perde o espírito sonhador e brincalhão, típico da infância. O escritor Tezza faz uma analogia entre Peter Pan e o filho Felipe que

ilustra a relação que pessoas com síndrome de Down costumam ter com a passagem do tempo: “Peter Pan viverá cada dia exatamente como o anterior – e como o próximo. Incapaz de entrar no mundo da abstração do tempo, a ideia do passado e de futuro se ramifica em sua cabeça alegre; ele vive toda manhã, sem saber, o sonho do eterno retorno”.

* * *

Assim que adentro o Espaço Cultural Renato Russo, avisto Lúcio no meio do salão, rodeado de quadros abstratos, de sua autoria, com o traje habitual: camiseta, calça largas e boné na cabeça. Ele me recebe com um sorriso e um abraço. Quando estamos nos cumprimentando, ele percebe uma mulher observando as obras junto ao filho. “Oi, você sabe quem é o artista?”, ele pergunta. Quando a mulher balança a cabeça em negativo, ele diz com orgulho estampado no rosto: “Sou eu!”.

Como Lúcio frequenta o espaço desde que era criança, ele se oferece para me guiar em um tour pelo espaço, que conta com quatro galerias, uma sala de oficina de pintura, um teatro galpão e uma sala multiusos. “Vem comigo”, o artista me chama,

animado para apresentar o lugar que é como um lar para ele.

Lúcio me conduz para dentro de uma galeria com diversos quadros nas paredes e esculturas. Os quadros são de cores vivas e estilos diferentes entre si. Uma espada e um martelo dispostos em uma mesa no centro chamam a atenção dele, que começa a brincar com as esculturas, desferindo golpes pelo ar, como se estivesse no meio de uma luta. Lúcio interpreta as obras a partir das referências dos filmes de aventura a que assiste “infinitas vezes”. Quando ficamos em frente à pintura de um zumbi, ele lembra: “Esse quadro parece a Zumbilândia. Sou louco por esse filme”.

Temas como morte, luta e guerra despertam um fascínio particular. No entanto, são as pinturas abstratas as mais apreciadas por ele, por serem o estilo que ele gosta de pintar. Lúcio é brincalhão. Quando me demoro em um quadro para contemplar os detalhes, ele chega por trás e me cutuca, me arrancando um riso espontâneo.

Das galerias, seguimos para a sala de oficinas de pintura, depois para o Teatro Galpão, que, segundo ele, são palcos de espetáculos e apresentações de circo. Por fim, chegamos à Sala Multiusos. O local está vazio e escuro. Ele pede para eu me sentar em uma cadeira da frente e diz que vai me “dar uma palinha” do que é feito ali.

O artista se posiciona no centro da sala e começa a fazer um monólogo de improviso para se apresentar. A sua voz ecoa, preenchendo todo o espaço. “Eu sou Lúcio Piantino, sou pintor, ator, gay...”. Poucas palavras não seriam capazes de definir a identidade dele, que se molda e se redescobre a cada contato com as expressões artísticas. A arte para Lúcio é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento. E também um bálsamo frente aos obstáculos que enfrenta todos os dias por ser uma pessoa com síndrome de Down.



Espaços culturais

Durante muito tempo o consumo da cultura era restrito a espaços como museus, bibliotecas e teatros, acessíveis a apenas uma pequena parcela da população. É só a partir da década de 1960, com o surgimento de centros culturais na Europa, com destaque para países como Inglaterra e França, que esse caráter elitista dos produtos artísticos começou a ser rompido, e que o acesso à cultura se democratizou mais.

“Eles diferenciavam em estrutura, propondo novas formas de preservação e extroversão do patrimônio e com uma postura de atuação mais dinâmica e participativa, centrada no pertencimento e na criação de múltiplos sentidos para os visitantes, visando a estabelecer relacionamentos democráticos”, comenta Viviane Sarraf no livro *Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial* (2014).

Contudo, apesar dos avanços, nos dias de hoje, os espaços culturais ainda não estão preparados para acolher todos os tipos de público. Para vencer esse desafio, a pesquisadora acredita que esses ambientes precisam desenvolver estratégias de forma a cativar e estabelecer vínculos sensíveis com os visitantes, por meio do uso de propostas de mediação multissensoriais.

“O desenvolvimento do pertencimento cultural, que é um dos principais desafios dos espaços culturais na atualidade, pode ter a mediação sensorial como estratégia, lançando mão de recursos olfativos, de apelo ao paladar, sonoros e táteis, pois a percepção sensorial não pressupõe conhecimento intelectual, domínio de linguagem ou idioma e familiaridade com ofertas culturais; ela é livre das barreiras intelectuais e sociais inerentes às origens dos espaços culturais e tem o poder de envolver e sensibilizar diferentes indivíduos”, explica Sarraf⁹.

Essas estratégias precisam abarcar todos os eixos de acessibilidade:

- Acessibilidade física: eliminação de barreiras arquitetônicas e de sinalização nas edificações;
- Acessibilidade comunicacional: recursos de comunicação acessível disponível ao público de pessoas com deficiência para fruição do conteúdo de exposições, espetáculos e programação cultural;

⁹ SARRAF, Viviane. **Acessibilidade em espaços culturais: Mediação e Comunicação Sensorial**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2014.

- Experiência acessível: conteúdo das exposições, espetáculos, cursos, oficinas e programação em geral com recursos multissensoriais e linguagens inclusivas para a promoção da fruição cultural livre de barreiras culturais;
- Acesso à informação: informações difundidas pelas instituições em formatos acessíveis, na forma impressa, analógica e virtual;
- Acessibilidade atitudinal: colaboradores sensibilizados e capacitados para atendimento de visitantes e usuários com diferentes deficiências e para o desenvolvimento de projetos culturais acessíveis.

Fonte: Viviane Sarraf

Na realidade do Distrito Federal ainda há vários obstáculos que impedem a consolidação da acessibilidade nos mais de 20 espaços culturais da cidade. As reformas e adequações necessárias para a recepção do público com deficiência, muitas vezes, esbarram na preservação dos bens arquitetônicos que são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

“Procuramos sensibilizar esses órgãos para que eles entendam que, por mais que a estrutura física do espaço carregue

memória, ela tem que atender toda a população. A conservação da estrutura do espaço não pode se sobressair ao direito das pessoas com deficiência à cultura”, argumenta Laís Valente.

Além disso, a execução das reformas demanda tempo e recursos orçamentários, que atrasam a implementação da acessibilidade física. Em relação aos tipos atitudinal e comunicacional, por sua vez, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF pretendia firmar parcerias com profissionais capacitados para melhorar as condições dos espaços em um prazo mais curto. A expectativa era de que até o final de 2024 as mudanças fossem colocadas em prática.

No intuito de avaliar as condições de acessibilidade dos 16 espaços culturais da capital, que são administrados total ou parcialmente pela SECEC-DF, visitas técnicas foram realizadas em junho de 2022. Nessas visitas, a especialista Viviane Sarraf percebeu o receio de grande parte dos servidores em relação à acessibilidade e um consenso desses profissionais sobre as dificuldades enfrentadas nos espaços tombados.

“As leis federais que garantem os direitos da pessoa com deficiência, bem como as normativas publicadas pelo próprio Iphan, já indicam caminhos possíveis e harmônicos para as adequações de acessibilidade em bens arquitetônicos tombados em nível federal”, esclarece Viviane.

Em geral, a especialista pôde perceber por meio das visitas que, independentemente da data de construção e das condições de tombamentos dos espaços, as adequações de acessibilidade física, incluindo a sinalização acessível, estão presentes em quase todas as edificações. Dessa forma, apenas alguns precisam de adequações e atualizações.

Quanto aos recursos de acessibilidade comunicacional, experiência acessível, difusão da informação acessível e acessibilidade atitudinal, ela constatou que todos os espaços carecem de experiências e de políticas que garantam a fruição da programação cultural por parte das pessoas com deficiência.

“Percebemos que existe um descompasso entre a realidade aplicada na prática e a legislação distrital que defende os direitos da população de pessoas com deficiência no acesso à cultura, e que por sua vez, apresentam textos bastante afinados com as demandas atuais do público, de artistas e produtores culturais com deficiência”, concluiu Viviane em relatório¹⁰.

10 SARRAF, Viviane. **Produto 2: Mapeamento de Acessibilidade dos Espaços Culturais administrados pela SECEC-DF**. Brasília, DF: Secretaria de Estado de Cultura e Economia do Distrito Federal, 2022.

ANÁLISE DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS CULTURAIS DO DF

Com base em informações coletadas por meio de um questionário e nas visitas técnicas realizadas por Viviane Sarraf, foram analisadas as condições e recursos de acessibilidade oferecidos em 22 espaços culturais do Distrito Federal.

Em relação à acessibilidade física, a maioria dos espaços culturais conta com boa estrutura arquitetônica e poucas barreiras de acesso à edificação, sendo necessárias apenas algumas adequações. O Museu Nacional da República e a Biblioteca Nacional de Brasília, por exemplo, possuem estacionamento com vagas reservadas, entrada acessível com rampas de inclinação adequadas, elevadores acessíveis e escadas com corrimões, cadeiras de rodas para visitantes e sanitários acessíveis. Os dois, no entanto, não possuem sinalização de piso tátil direcional e mapa tátil em todo o espaço.

O Museu de Arte de Brasília (MAB) e o Clube do Choro, por sua vez, não possuem cadeira de rodas disponíveis para o público com deficiência e contam com assentos móveis. O Espaço Cultural Renato Russo e o Cine Brasília, por outro lado, apresentam rotas de piso tátil sinalizando escadas, rampas, elevadores e obstáculos, além de lugares reservados para pessoas com cadeira de rodas. Já a Caixa Cultural Brasília, o CCBB Brasília e

o Centro de Convenções Ulysses Guimarães não possuem sinalização de piso tátil e mapa tátil.

São poucos os espaços que têm recursos de acessibilidade comunicacional disponíveis. No Museu Vivo da Memória Candanga, no Eixo Iberoamericano e na Caixa Cultural Brasília, boa parte dos textos das exposições estão com tamanho, contraste e altura adequados. Porém, não há material de comunicação e mediação em Braille, Libras, em linguagem simplificada, nem caracteres ampliados. Também não há audiodescrição.

O Complexo Cultural de Planaltina e o Centro Cultural 3 Poderes abrigam maquete tátil e sonora, mas que precisam de adequações. Na Concha Acústica, no Complexo Cultural de Samambaia e no Centro de Dança, não há garantia de tradução/ interpretação em Libras, nem de audiodescrição nos espetáculos.

O Sesi Lab, o CCBB Brasília e a Biblioteca Nacional são espaços com mais recursos comunicacionais. Enquanto nos dois primeiros há material de comunicação e mediação em Braille, audiodescrição e boa parte dos textos das exposições são adequados; no último, há acervos de audiolivros, bem como, totens com textos e informações sobre a localização dos livros com fundo, contraste e tamanho adequados.

Quanto à experiência acessível, o Museu do Catetinho, o Museu de Arte de Brasília, o Memorial dos Povos Indígenas, o

Clube do Choro e o Teatro Mapati dispõem de recursos visuais, mas não de réplicas táteis, nem recursos auditivos, olfativos e de apelo ao paladar. No Espaço Cultura Renato Russo, Complexo Cultural de Planaltina e Eixo Iberoamericano, os recursos de acessibilidade dos espetáculos dependem do produtor cultural.

O Cine Brasília conta com exibição de filmes com audiodescrição e Libras uma vez por mês. Tanto o Sesi Lab, quanto o CCBB Brasília contam com recursos visuais, auditivos e peças táteis, mas apenas o segundo apresenta recursos olfativos e de apelo ao paladar.

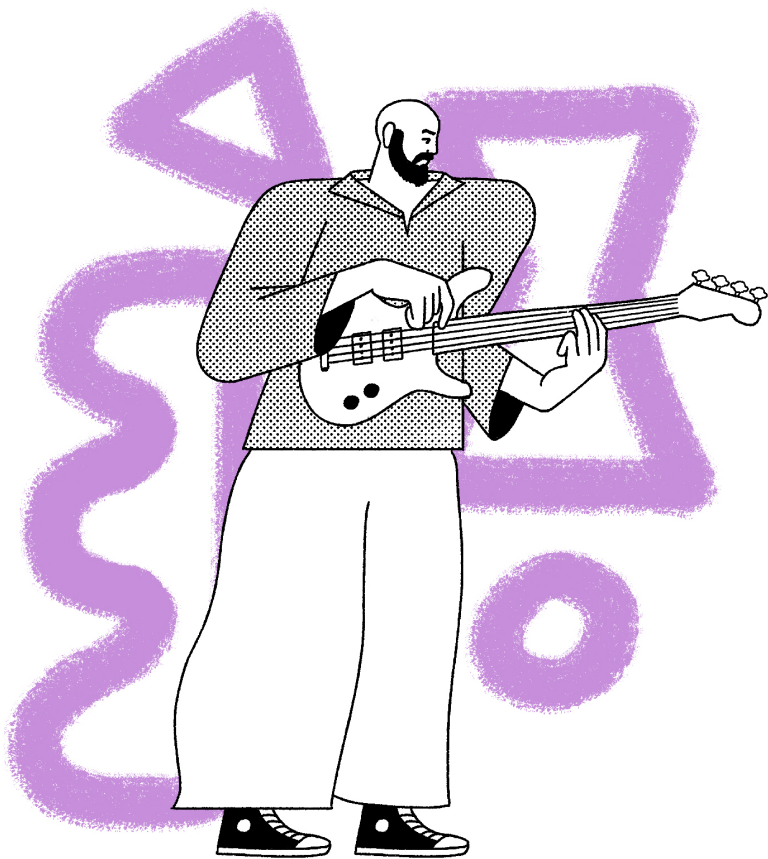
O acesso à informação em quase todos os espaços culturais administrados pela Secretaria de Cultura é ruim. Não há nenhum tipo de material impresso ou digital acessível sobre os espaços, as publicações nas redes sociais são inacessíveis e a página dentro do site da Secretaria apresenta apenas algumas especificações de acessibilidade.

Embora não apresente nenhum material impresso ou digital acessível, a Caixa Cultural Brasília tem redes sociais com publicações acessíveis para cegos. O Centro de Convenções Ulysses Guimarães, por outro lado, tem material impresso ou digital acessível sobre o centro cultural. O Clube do Choro e o CCBB Brasília também contam com materiais impresso ou digital sobre os espaços acessíveis, como Libras. No entanto, as redes

sociais apresentam publicações inacessíveis.

No que diz respeito à acessibilidade atitudinal, em todos os 16 espaços da Secretaria não há comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras ou façam audiodescrição, nem colaboradores com deficiência. Em nove deles, no entanto, há agendamento de visitas inclusivas. A Caixa Cultural Brasília, o Sesi Lab e o CCBB Brasília têm comunicadores e mediadores que se comunicam em Libras e que façam audiodescrição, com exceção do primeiro. Além disso, todos eles fazem agendamento de visitas inclusivas.

A partir dessa análise, é possível perceber que os espaços culturais públicos estão mais avançados nas adequações de acessibilidade física em comparação com os privados. Já no que tange à acessibilidade comunicacional, à experiência acessível e à acessibilidade atitudinal, os privados se destacam mais. Independente de serem públicos ou privados, é importante que os gestores desses espaços unam esforços para a implementação de mudanças em todos os eixos que envolvem a acessibilidade cultural.



Wladimir, o improvisador...

*"Quem ouve música, sente a sua
solidão de repente povoada".*

Robert Browning

Wladimir e o baixo. O baixo e ele. Um não vive sem o outro. O instrumento musical é quase como um membro do corpo do músico Wladimir Afiouni, 45 anos, mais conhecido como “Vavá”. Embalado pelas notas graves, ele se transporta para um universo particular, onde encontra o seu lugar de ser e estar no mundo.

Quem olha para a barba grande –estilo lenhador– e conhece o jeito descontraído, do tipo que se deixa levar pelo *flow* do momento, logo sente uma aura de artista. Introspectivo, ele tira prazer de momentos a sós, apenas na companhia dos próprios pensamentos e da quietude do silêncio. O passatempo preferido é compor melodias.

Segundo ele, a atividade solitária “caiu como uma luva”, e ao mesmo tempo, criou uma ponte para que ele se conectasse com as pessoas. Com capacidade auditiva de apenas 40%, o músico precisava se esforçar para interagir com os outros. Até que, na década de 90, pleno auge do rock nacional, ele aprendeu a tocar Legião Urbana. Por meio das letras de canções como, “Pais e Filhos”, “Geração Coca-Cola” e o “Tempo perdido”, ele pôde se destacar em meio à multidão falante.

“A música veio muito como uma forma de estar junto com as pessoas, porque como eu não escutava direito, a comunicação ficava prejudicada. Com a música fica mais fácil. É só você pegar um violão e começar a tocar que um monte de gente se

reúne à sua volta”, explica ele.

A deficiência auditiva traz obstáculos não só para o contato interpessoal, bem como, para a interação com o ambiente. O professor australiano de artes Viktor Lowenfeld explica essa relação: “O papel desempenhado pelas experiências acústicas no desenvolvimento normal é difícil de ser captado. Sua ausência significa não só a exclusão dos intercâmbios sociais que tanto dependem das reações ante o mundo das palavras, mas também implica a falta de participação psicofísica em um meio constantemente cheio de variedades de sons e ruídos”.

Durante toda a fase escolar até o início da fase adulta, Vavá ainda não tinha sido diagnosticado com deficiência auditiva. Mesmo consciente da dificuldade de acompanhar as aulas, o músico, nem os pais, tinham percebido que as frequências sonoras do mundo dele pulsavam de forma diferente dos demais. As conversas, ruídos e burburinhos eram abafados e indefinidos.

Ele só começou a usar prótese auditiva com a maioridade, quando fez um concurso público. “Fiz escola e faculdade ouvindo mal, na tora mesmo, sentado na primeira fileira e pedindo ajuda dos colegas. Ninguém tinha percebido que eu era surdo. Para mim era natural essa forma de escutar, então eu não me dei conta. Depois que coloquei a prótese, percebi o tanto de coisa que eu não ouvia. O aparelho foi revolucionário”, confessa.

Mais tarde, ele descobriu que o gene da surdez corre nas veias da família materna. A avó, alguns tios e mais um irmão também apresentam problemas de audição. Vavá conta que a infância dele foi marcada pela ausência de histórias e de troca de ideias com os pais. Por isso, ele tenta fazer diferente com o filho Bento, de 5 anos, e aproveitar ao máximo enquanto ele não apresenta problemas de audição, o que é provável, tendo em vista o histórico familiar.

“Com ele fico o tempo todo trocando ideia. A gente passa muito tempo juntos, pois trabalho em casa. Eu adoro ser pai, nos divertimos muito juntos. Ele até me zoa, faz bullying comigo. Ele diz: “Pai, eu já te falei a parada, você que não ouviu!”, conta Vavá com orgulho estampado no rosto.

Para conseguir assimilar os estímulos ao redor, Vavá aprendeu a juntar as peças, como em um quebra-cabeça. Clima do ambiente. Entonação da voz. Leitura labial. Dedução. Expressão facial. Todos esses elementos, juntos, criam um sentido em sua mente. “Quando eu junto tudo consigo perceber o que está rolando. Esse trabalho constante de ficar juntando as peças te deixa mais atento e facilita a compreensão”.

Embora tenha dificuldades, o músico reconhece que não pode se comparar com um surdo total, pois ele consegue se deliciar com as notas musicais e sons. Segundo ele, a vantagem de ser

artista é que as pessoas não se interessam pelo que tem a dizer, mas sim, pela sua música, que, aliás, ganha vida de um jeito ímpar. Ele usa mais do intelecto do que dos sentidos para criar.

“O meu caminho na música foi traçado de forma a evitar a fadiga, nunca fui de fazer imitação com base no que escutava. Eu desenvolvi o meu jeito de tocar, e tem muita gente que gosta. Mas eu sempre tive que estudar muito, porque quando você decide ser profissional tem que ralar”, descreve sobre seu processo criativo.

Ele ainda diz que os recursos tecnológicos disponíveis hoje em dia facilitam, pois permitem aumentar o volume ou deixar a música mais lenta. “Se eu fosse só contar com o ouvido não conseguiria. Normalmente eu preciso botar no fone, colocar mais alto e voltar várias vezes”. Como ele possui maior sensibilidade auditiva, quando está em um regime intenso de trabalho costuma se sentir cansado e sobrecarregado.

O famoso compositor germânico Beethoven também fez uso de recursos tecnológicos – à época menos desenvolvidos – para amplificar o som e superar as perdas auditivas, que o acometeram entre 1797 e 1798. Em uma entrevista para a BBC News Mundo, em 2020, Laura Tunbridge, professora de música da Universidade de Oxford e autora da biografia *Beethoven: alifein 9 pieces*, destaca que os músicos não dependem só dos sentidos,

mas também da imaginação, sendo assim capazes de escutar “os sons da cabeça”.

“Então, talvez ele não pudesse escutar o mundo exterior, mas não há motivos para pensar que a habilidade de escutar a música em sua mente tivesse se deteriorado, nem que houvesse diminuído sua criatividade musical”, ressaltou ela. Dessa forma, pode-se pensar que Vavá usa e abusa de sua capacidade criativa mental, ao invés da habilidade auditiva, para compor suas obras.

O curioso é que ele é baixista, um instrumento com frequência mais graves justamente as mais difíceis de serem captadas pelo ouvido. Era de se esperar, inclusive, que ele falasse ou tocasse mais alto, no entanto, ele conta que a audição vai se aguçando e se acostumando com o volume baixo, fenômeno chamado de “acuidade auditiva”. Quando está em shows, por exemplo, o som tende a ser bem alto, o que o faz preferir tirar o aparelho.

Eclético no gosto musical, Vavá passeia do rock ao reggae. Ele toca diferentes estilos em várias bandas da cidade, como a Passo Largo e a Remobília, mas também tem um trabalho autoral, o Vavá Solo. O jeito diferente de tocar desperta a curiosidade de algumas pessoas, que o procuram para ter aulas. Mas o trabalho como professor é apenas esporádico. “Eu sou mais da parte de composição, e apesar de trabalhar como baixista, acompanho vários artistas e toco muita música instrumental.

Prefiro compor porque acabo tendo liberdade poética para tocar do meu jeito”, explica.

A parceria com os músicos das bandas das quais faz parte é tanta que ele nunca enfrentou preconceitos por não escutar bem. “Ishe, o cara não está ouvindo nada ali. Bora dar uma força para ele”, dizem os amigos quando alguma nota escapa do seu campo de audição. As vibrações do som também o ajudam a se orientar.

No filme indicado ao Oscar *O som do silêncio* (2020) tem uma cena em que o baterista Rubem está no meio de um show e sua audição falha. Ele então se guia pelas batidas e vibrações da bateria. Vavá também tem o hábito de “surfear” na onda das vibrações sonoras. A habilidade de improviso é tanta que as pessoas nem mesmo percebem a sua condição. Contudo, ele conta que quando alguém descobre, qualquer erro que comete é associado à deficiência auditiva. Mas Vavá não esquentava com isso, levava tudo na “manha”.

Ele destaca que é difícil encontrar casas de shows com uma boa qualidade acústica. Apreciador de outras formas de arte, o compositor também curte ir a teatros e exposições. “O problema é que grande parte dos espaços culturais não são lugares muito propensos a pessoas com deficiência. Eu adoro teatro, mas é muito difícil acompanhar e distinguir o que as pessoas estão falando. Cinema é mais tranquilo porque o som é bem alto e

galeria é a melhor parte, porque é puramente visual”, conta ele.

Apesar de os sons altos facilitarem o seu processo de escuta, ele possui uma sensibilidade maior a ele, por isso, evita se expor a volumes intensos. Ele tem o hábito de assistir a filmes e vídeos sem áudio, apenas com legenda. Vavá é provavelmente um dos únicos do mundo que não sabe nenhuma trilha sonora de filme. “Eu vejo o cara tocando em um vídeo e já vem uma imagem sonora na minha mente. Também prefiro assistir a filmes sem áudio, porque não ouço tão bem e o som alto começa a me incomodar”.

* * *

Assim que adentro a intimista “caixa preta”, localizada atrás de uma cafeteria, escolho um lugar na fileira da frente, em busca de uma vista privilegiada para o show, que está prestes a começar. Pouco a pouco, os integrantes da banda Remobília vão chegando e se posicionando no palco do Espaço Casa, teatro no Casa Park. Vavá é um dos últimos a chegar. Em pouco tempo, ele e o baixo mergulham em um ritmo próprio, à parte do alvoroço do público e dos timbres dos outros instrumentos: teclado, guitarra, saxofone e violão.

Quem olha nem imagina que aquele homem dedilhando as cordas e meneando a cabeça em harmonia com o compasso

da música tem deficiência auditiva. Por fora, Vavá não transparece qualquer desconforto. Mas por dentro, um emaranhado de sons se misturam e ficam sem definição, o deixando um tanto atordoado.

“Não consigo distinguir cada um dos instrumentos, tenho que surfar na onda do som. O mais difícil de não ouvir foi o baterista, pois além de estar alto, estava perto de mim. Os demais instrumentos, especialmente os que são mais baixos e estavam distantes eu não ouvi nada”, diz ele mais tarde, enquanto tomamos um café depois do show.

Ele explica que os ruídos e chiados se sobrepõem aos sons de fundo. Eu pergunto: “Como você consegue acompanhar os outros instrumentos então?”. Ao que ele responde: “Eu me localizo por meio do som da minha cabeça. Eu sei o que é para acontecer e também treino para conseguir captar quando algo está errado. Aprendi a improvisar”.

De acordo com ele, esse processo de “exercitar os neurônios” acaba demandando muito gasto de energia. “Quem não tem perda total fica com a audição mais sensível. Depois dos shows eu costumo ficar bem cansado. Mas é sempre essa loucura. Eu já estou acostumado.”



Vanuza, a criadora...

“Se escutar uma voz dentro de você dizendo 'Você não é um pintor', então pinte sem parar, de todos os modos possíveis, e aquela voz será silenciada”

Van Gogh

“Ai que saudade lá de Pernambuco. De Iputinga, Arruda, Encruzilhada. De Água Fria, Torre, Dois Irmãos. A saudade tá danada, num resisto não. Se me aperta mais o peito, pego o avião. Vou comer sarapaté, carne de charque com feijão. Vou tomar uma Pitú ou Chica Boa com limão. Quando eu lembro do Recife, ai que dor no coração”, diz a canção de Luiz Gonzaga. É em Pernambuco, rodeada pela vegetação rasteira da Caatinga, galhos retorcidos e cactos, que a semente da arte foi plantada em Vanuza Alencar, 50 anos.

A agroecologista e estudante de filosofia da Universidade de Brasília (UnB) passou uma infância humilde, mas “muito feliz” nas terras do rei do baião. “E ainda sou feliz porque tive a oportunidade de ser eu mesma, de me expressar e fazer o que eu gosto”, acrescenta. Vanuza cresceu em meio ao colorido dos bordados da mãe, que enfeitavam tecidos, colchas e toalhas de mesa, e às esculturas de santos do pai. O artesanato corria em suas veias. Antes mesmo de falar, ela já se expressava por meio de gestos, tamanha era a desenvoltura com as atividades manuais.

Desde pequena, Vanuza era fascinada por ler, escrever e contar histórias. Ela perambulava de forma livre pelo quintal, deixando a imaginação fértil fluir solta. As brincadeiras preferidas eram se imaginar em um espetáculo de circo ou encenar histórias fictícias. Sem ter consciência ainda, a intuição de Vanuza

já dizia que sua alma era de criadora. Platão afirmava, com sabedoria, que no interior de cada um há sempre a certeza da vocação: “O homem retrata-se inteiramente na alma; para saber o que é e o que deve fazer, deve olhar-se na inteligência, nessa parte da alma na qual fulge um raio da sabedoria divina”.

Introspectiva e reflexiva, ela sente prazer em contemplar as cores, texturas e formas de uma obra de arte, bem como, as belezas naturais ao redor. “Eu tenho uma ligação forte com o meio ambiente, com a terra, paisagem, sou ambientalista de coração”, diz. Por isso, quando ela perdeu a visão de um dos olhos, o medo de não poder mais enxergar tudo aquilo que dava sentido à sua existência bateu à porta.

É quando ela se muda para o Rio de Janeiro em busca do sonho de ser artista que uma surpresa nada agradável aparece em seu caminho: o HIV. Assim que descobriu que era soropositiva, Vanuza foi até a praia e ficou “conversando com as fadas”, pedindo uma cura. Na época, ela até fez um poema para externalizar tudo que estava sentindo. “Se o céu andasse e Deus existisse, a flor abrisse, e de todo o mal me curasse, eu seria tão bela, jovem e eterna como a beleza das cores, das flores, das abelhas e do pólen”, diz um trecho do poema escrito por ela.

Como a artista não fez nenhum tratamento, acabou contraindo a toxoplasmose, infecção parasitária que pode causar graves

complicações a pessoas com o sistema imunológico debilitado. No caso dela, a complicação foi a perda gradativa da visão do olho esquerdo, que se manifestou quando ela se mudou para Brasília, em 2009, com o propósito de morar perto dos parentes. “Como a toxoplasmose é no cérebro, ela acabou afetando o nervo ocular. Eu não tinha conhecimento que a imunidade baixa poderia gerar isso. A visão do meu outro olho também ficou um pouco fragilizada”, explica.

Um tempo foi necessário para que Vanuza se adaptasse à nova forma de enxergar. No início, ela via tudo deformado, sendo necessário que alguns instantes se passassem para que os objetos ganhassem forma e nitidez. Apesar das dores, da forte sensibilidade à claridade e do olho ter fechado, ela não perdeu a fé, nem se entregou ao sofrimento. “Segui a vida normalmente”, aponta.

A crença em uma força maior, aliás, fortaleceu Vanuza para encarar as pedras no caminho com mais otimismo. Em 2010, a doença também deixou um lado do corpo paralisado temporariamente e ela foi internada. Mesmo em um ambiente hospitalar – o completo oposto do que seria um espaço propício à criação –, Vanuza mergulhou em um período de efervescente produção intelectual. “Foi o momento que mais produzi poemas. Eu acho que às vezes os problemas vêm para nos acrescentar, e não nos destruir. E depende muito de como a pessoa

encara: posso ver isso como algo que vai me deixar mal ou usar a meu favor.”

Passada essa fase de saúde mais debilitada, Vanuza iniciou uma jornada de aceitação. Ela confessa que passou a se sentir um pouco “tímida” em relação ao mundo, o que se reflete no penteado que usa: franja para frente, tampando o olho cego. “Quando o olho fechou, eu me senti mais incomodada de ficar expondo. Então, acho que o cabelo caiu bem à situação. Hoje eu evito fazer um penteado diferente, mostrar minha cara”, conta.

Certa vez, uma enfermeira disse a ela: “Se você tivesse se tratado antes não teria perdido a visão”. O comentário amargo cortou o coração da agroecologista, que começou a se encher de culpa. Contudo, antes que o sentimento negativo transbordasse, Vanuza o afastou. “Procuro me aceitar como sou, sem ter autopreconceito e autovitimização. Tento não me focar na angústia, e, sim, pensar no que posso fazer aqui e agora.” A partir do momento em que a artista perdeu parte da visão, o papel curador da arte ficou ainda mais evidente a ela, que já trabalhou em peças de teatro e desenvolveu projetos de artes plásticas inspirados na consciência ambiental e no autoconhecimento. “Eu sou casada com a arte, ela está em primeiro plano. Nesse processo de contato maior com a arte, eu percebi como ela é cura”, declarou, sem sombra de dúvidas.

Enquanto um dos olhos dela ficou cego, o outro desenvolveu um sentido mais aguçado. Contudo, a principal diferença, segundo ela, foi a amplitude da visão. Quando olha para uma paisagem, metade dela fica tampada, sendo necessário que ela vire o corpo para conseguir captar todos os ângulos. Como a capacidade de enxergar fica concentrada apenas no olho direito, Vanuza também passou a sentir a vista cansada após longas horas de exposição a imagens e textos. “Se eu ler algo durante muito tempo, a vista começa a ficar embaçada e eu sinto dor de cabeça.”

Nas visitas a exposições no Museu da República, no Espaço Cultural Renato Russo e no Centro Cultural Banco do Brasil, Vanuza já sentiu desconforto visual em razão das letras de as legendas das obras estarem pequenas. “Depois de um certo tempo observando, fico com uma certa dificuldade pela grande quantidade de leitura. Especialmente naquelas exposições que são bem grandes, com muitas informações, eu me sinto um pouco sobrecarregada visualmente, mas nada que seja tão agressivo”, observa. Além disso, ela passou a ter mais dificuldade para acompanhar os diálogos dos filmes legendados.

Vanuza não só consome arte, bem como a cria. Ela costumava não acreditar em seu potencial, por achar que ser artista era algo “extraordinário” e que estava fora da realidade dela, até que encontrou o próprio processo criativo. É por meio do Reiki,

terapia alternativa de cura energética, e da meditação, que Vanuza tem acesso à inspiração.

“Eu uso o corpo e a energia como objetos de inspiração. Essa intuição vem em formas geométricas, numéricas e com cores. Normalmente eu medito, e aí, quando entro em processo de relaxamento, as ideias vão aparecendo. E depois eu passo o que vi e senti para o papel, criando uma arte abstrata”, descreve Vanuza, que acredita na interação entre corpo e alma. Nas palavras de Aristóteles, um não pode sobreviver sem o outro: “a alma é a causa eficiente e o princípio organizador do corpo vivente”.

Dessa técnica artística nasceu o projeto DIVA (“Despertar o Interior Vanuza Alencar”), que busca despertar a consciência através da arte. É no processo de inspirar e expirar, olhando para dentro, que a arte de Vanuza se cria e depois se projeta em um quadro por meio das pinceladas de tinta. “A arte é uma sensação espiritual, uma conexão com o todo. Ela traz esse conjunto de coisas que não conseguimos colocar em palavras. Quando a arte vem, ela só vem. Nós somos canais, um meio por onde ela se manifesta”, reflete.

O pensamento de Vanuza sobre o processo criativo dialoga com a visão de John Dewey no livro *Arte como experiência* (2010): “A obra de arte provoca e acentua essa característica de ser um todo. [...] Somos como que apresentados a um mundo além

deste mundo, o qual, não obstante, é a realidade mais profunda do mundo em que vivemos em nossas experiências comuns”. Para Vanuza, a arte e a espiritualidade se relacionam entre si, sendo a primeira proveniente de uma fonte divina. Ela e o pintor predileto, Van Gogh, se parecem nesse aspecto: “Quando sinto uma terrível necessidade de religião, saio à noite para pintar as estrelas”.

A artista tem uma mente aberta para tudo que é oculto e, com frequência, se permite entrar em contato com o inconsciente. De vez em quando, ela fuma uns baseados ou usa Santo Daimé (ayahuasca) para entrar em contato com “as coisas profundas da vida”. Como Einstein, que mirava o céu em busca de fórmulas matemáticas, Vanuza fita o horizonte à procura das respostas sobre os mistérios do universo.

A aparência de Vanuza, mais especificamente, o cabelo curto “assanhado” de um tom avermelhado, a estrutura franzina, os óculos de grau e as tatuagens desenhadas pelo corpo transmitem uma vibe esotérica. Ela acredita em fadas, ETs e na existência de outras dimensões. E garante que tem visões: “Uma noite de lua cheia eu estava deitada no ônibus, meio sonolenta e aí abri o olho e comecei a ver letras e símbolos. Os códigos vêm muito rápido, se você não for atenta ou anotar, perde”, conta sobre a experiência.

Apesar de ainda não ter descoberto o que eles significam, Vanuza está convicta de que os códigos são enigmas que podem dar acesso a outras dimensões. “Eu não desisti de encontrar o real sentido deles.” A morte é outra experiência que desperta a curiosidade dela. “Eu não tenho medo da morte. Eu falo nela naturalmente. Acredito que nós saímos desse corpo e vamos para outra dimensão. Eu gostaria de saber como é lá, mas não agora. Ainda não quero ir embora. Quando for minha hora, morrerei feliz.”

* * *

Assim que Vanuza chega ao Museu de Arte de Brasília (MAB), lança um olhar curioso ao redor, ansiosa para explorar o ambiente que visita pela primeira vez. Na entrada, uma guia nos informa que há várias exposições abertas, dentre elas, a de esculturas interativas. Vanuza decide começar por ela.

Caminhamos lado a lado na área externa do museu, contornando as esculturas coloridas e abstratas. Ela aproveita para tocá-las e sentir as formas e texturas. Noto que Vanuza chega perto das que mais lhe interessam. Algumas vezes, vira a cabeça

na tentativa de apreender todos os ângulos dos objetos.

Depois de algum tempo, entramos no hall da recepção para ver a primeira exposição, chamada Mulheres Eternas, autorretratos vibrantes sobre personalidades femininas que deixaram marcas na história brasileira. Ao lado de cada quadro há uma legenda com uma breve biografia sobre as mulheres. “As letras estão bem pequenas”, comenta Vanuza.

Para conseguir compreender, ela precisa ficar parada alguns minutos. “Cada vez que troco os óculos, o grau aumenta. Estou demorando mais para fazer as leituras”, justifica ela, que também notou que a visão tem ficado embaçada.

Seguimos para o piso superior e observamos mais alguns quadros. Ela se demora em um que traz perspectiva e profundidade, e diz gostar da sensação transmitida pelas curvas. Um quadro tridimensional, por sua vez, causa desconforto: é necessário certo esforço para focalizar as imagens.

Enquanto passeamos pelas galerias, ela vai me contando o quanto se sente completa quando está em meio à arte e compartilha a dificuldade que está sentindo para desenhar traços com precisão. “Como a doença afeta o cérebro, tenho sentido que a minha coordenação motora piorou de uns tempos para cá. Isso me preocupa, pois tenho o sonho de criar minha própria exposição.”

De repente, inspirada pela efusão de símbolos, imagens e cores, Vanuza tem um insight: “Acabei de pensar em um tema para a minha exposição de cura energética: energia em movimento”. A ideia parece empolgá-la, pois ela sai à frente, como se estivesse prestes a se sentar em frente a uma tela, pegar um cavalete, um pincel, e deixar a criatividade fluir.

Mais algumas obras depois, ela é atraída pela singularidade de uma instalação de cimento sobre a parede. “Parecem células, neurônios fazendo sinapses. É como eu me sinto quando coloco o meu cérebro para trabalhar.” O cérebro, aliás, parece ser uma parte do corpo imprescindível à criadora.

É graças a ele que Vanuza produz sua arte, se conecta com os símbolos do universo e absorve as sutilezas da natureza. Sem a capacidade de enxergar, tudo que ela considera sublime estaria fora do alcance de sua percepção visual. “Eu nem gosto de pensar em ficar cega do outro olho”, admite.

Experiências diversas

Há pessoas que deixam marcas quando cruzam o nosso caminho, transformando nossa visão sobre o mundo. Ao escrever esse livro e me deparar com tantas realidades diversas, certamente tive a minha percepção alterada. Despi-me de todas as ideias preconcebidas, julgamentos e achismos para enxergar sob o prisma da Naiara, do Joaquim, da Mariana, do Lúcio, do Vavá e da Vanuza.

Conforme conhecia a história dessas pessoas, me surpreendia com o quanto elas são inspiradoras. Não só pela resiliência com que cada uma enfrenta todos os desafios advindos da falta de inclusão, mas, principalmente, pelo otimismo com que levam a vida. Mesmo diante das dificuldades, elas não se deixaram abater e encontraram formas de estar no mundo.

Para todas elas, a arte representa não só uma fuga de escape, um passatempo ou paixão, bem como, uma aliada na busca pela aceitação do mundo. Enquanto para Naiara e Vavá o talento para decifrar as notas musicais deu novos propósitos, Mariana encontrou na dança um atalho para se expressar e ser livre. Já

Joaquim se permite sentir intensamente ao apreciar sons, imagens e cenas. Lúcio e Vanuza, por outro lado, projetam as auto-descobertas na tela por meio das pinceladas.

O contato com essas realidades distintas me fez compreender o real significado da frase clichê: cada ser humano é um universo particular. As experiências são diversas. Não dá para generalizar e dizer que toda pessoa com a mesma deficiência experimenta as produções artísticas assim ou assado. Por mais que tenham certas vivências em comum, cada uma vai perceber e interpretar a arte de forma singular.

Ao escutar as histórias dessas pessoas e as reflexões de especialistas e estudiosos, percebi que a experiência delas com a arte envolve mais do que uma discussão estética, ela transcende para um debate político e social, uma vez que os contextos, os significados, as oportunidades e os mecanismos que regem a vida em sociedade interferem diretamente nas experiências.

Além da visão, os sons, os sabores, as texturas, os formatos e os cheiros podem proporcionar sensações, reflexões e emoções, bem como, construir pontes para o contato com a arte. Todavia, a diversidade de experiências sensoriais precisa ser contemplada para que as pessoas com deficiência possam ter experiências estéticas com músicas, esculturas, filmes, pinturas e espetáculos.

Ou seja, é quando os produtos culturais estão em formatos acessíveis e dispõem de recursos voltados para diferentes sentidos que o público diverso pode ter experiências agradáveis e as vivenciá-las com autonomia. A arte só será efetivamente para todos se os ambientes culturais romperem as barreiras que impedem o acesso pleno a museus, cinemas, teatros e casas de shows por pessoas com deficiência.

Por meio deste trabalho saí da minha zona de conforto, exercitei minha empatia, ampliei meus horizontes e aprendi mais sobre o significado de diversidade. O caminho em direção à acessibilidade cultural ainda está sendo traçado em meio às te-sourinhas e curvas de Brasília, mas, pouco a pouco, o tema tem despertado a atenção dos atores sociais engajados com a cena artística vibrante da capital do país.

